

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Janho de 2011



Exemplar avulso: R\$ 10,34

Entrevista

Pastor Ted Wilson fala sobre reavivamento e reforma

Evangelismo da amizade

Um projeto para transformar amigos em irmãos de esperança

A força da bondade

Há para ser feita pelas nossas igrejas uma obra da qual poucos têm alguma ideia. ... Temos que dar de nossos meios para sustentar os obreiros no campo da seara e rejubilarmo-nos pelos molhos colhidos. Embora isto esteja certo, há uma obra, ainda intocada, que deve ser feita. A missão de Cristo era curar os enfermos, encorajar os desesperançados, levantar o desalentado. Esta obra de restauração deve ser promovida entre os necessitados sofredores da humanidade.

Deus reclama não apenas nossa benevolência, mas nossa fisionomia alegre, nossas palavras de esperança, nosso aperto de mão. Alivie os aflitos de Deus. Alguns estão enfermos, e a esperança os abandonou. Devolvamos-lhes a alegria. Restituamos-lhes a luz. Muitos perderam a coragem. Falemos-lhes palavras de ânimo. Oremos por eles. Há os que necessitam do pão da vida. Leiamos da Palavra de Deus para eles. Há muitos enfermos da alma, os quais nenhum bálsamo terrestre pode alcançar nem médico levar cura. Oremos e levemos essas pessoas a Jesus.

Há em cada lugar uma obra a ser feita por todas as classes da sociedade. Devemos nos aproximar dos pobres e viciados, os que caíram pela intemperança. E, ao mesmo tempo, não devemos esquecer as classes mais elevadas – os legisladores, pastores, senadores e juizes, muitos dos quais são escravos de hábitos intemperantes. Nenhuma medida deve deixar de ser experimentada para lhes mostrar que são dignos de salvação, que a vida eterna é algo pelo qual vale a pena lutar.

Aproximem-se do povo onde ele se acha, mediante o trabalho pessoal. Relacionem-se com ele. Esta é uma obra que não pode ser feita por procuração. Dinheiro emprestado ou dado não a pode realizar. Sermões do púlpito não a podem efetuar.

Visitem os vizinhos de maneira amigável e familiarizem-se com eles. ... Os que não assumem esta obra, que agem com a indiferença que alguns têm manifestado, logo perderão seu primeiro amor e começarão a censurar, criticar e condenar os próprios irmãos.

Ao irem, como fizeram os discípulos, de lugar em lugar, contando a história do amor do Salvador, vocês farão amigos e verão os frutos desse trabalho. Todo obreiro leal, humilde, amável e fiel, será sustentado e fortalecido pelo poder do alto. Conseguirá caminho para o coração do povo ao seguir o exemplo de Cristo. Servirá ao aflito e orará pelo enfermo. Cânticos e vozes de oração serão ouvidos. As Escrituras serão abertas para testificar da verdade. E com sinais que se seguirão, o Senhor confirmará a palavra falada.

"Ao irem, de lugar em lugar, contando a história do amor de Cristo, vocês farão amigos e verão os frutos desse trabalho"

Necessitamos mais da simpatia natural de Cristo. A exemplo de nosso misericordioso Sumo Sacerdote, devemos dirigir-nos a nossos semelhantes tocados pelo sentimento de suas enfermidades.

Guardem-se sempre de se tornarem frios, negligentes, apáticos, propensos a censurar. Não deixem passar a oportunidade de dizer palavras animadoras que inspirem esperança.

Ao trabalhar em favor das vítimas de maus hábitos, em lugar de lhes apontar o desespero e a ruína para os quais se precipitam, façam-nos volver os olhos a Jesus e fixá-los nas glórias do celestial. Isso fará mais pela salvação deles, do que farão todos os terrores da sepultura quando postos diante dos destituídos de força e, aparentemente, de esperanças.

Todos os que se declaram cristãos devem examinar a si mesmos, a fim de verificar se são tão bondosos e considerados para com seus semelhantes quanto desejam que seus semelhantes os considerem. Quando isso for feito, haverá uma atuação segundo a semelhança divina.

Os que afirmam crer em Cristo devem representá-Lo em obras de bondade e misericórdia. Esses jamais saberão, até o dia do julgamento, quanto bem têm feito em seguir o exemplo do Salvador.

Se nos humilhássemos perante Deus, e fôssemos bondosos e corteses e compassivos e piedosos, haveria uma centena de conversões à verdade onde agora há apenas uma. ▀

Editor:

Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Designer Gráfico:

Marcos S. Santos

Foto da Capa:

William de Moraes

Colaboradores Especiais:

Bruno Raso; Marcos Bomfim;

Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores:

Augusto M. Cárdenas; Bolívar Alana;

Edilson Valiante; Felix Santamaria;

Heriberto Peter; Horácio Cayrus; Ivanauo

B. Oliveira; Jair García Góis; Leonino

Santiago; Luiz Martínez; Montano de

Barros Netto; Nelson Suci; Samuel Jara;

Valdílho Quadrado; Walter Dávila.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaeministerio


Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:


Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 49,70

Exemplar Avulso: R\$ 10,34

 **CASA
PUBLICADORA
CASA
BRASILEIRA**

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP

 Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer
meio, sem *prévia autorização escrita* do
autor e da Editora.

Tiragem: 5.500 exemplares

5499/23761



Foto: Daniel Oliveira

Encontro de amigos

Em seu livro *Vivendo Sem Máscaras*, Charles Swindoll diz ter ouvido de um colega dele a seguinte ressalva sobre o ambiente da igreja que este frequentava: “A única coisa de que sinto falta é o velho companheirismo com os caras do grupo, no barzinho da esquina. A gente ficava lá sentado, ria, contava casos, bebia e relaxava... Era maravilhoso! Mas hoje não tenho ninguém para contar meus problemas, para falar de meus erros. Não encontro ninguém na igreja que queira passar o braço pelo ombro da gente e dizer que está tudo bem. Cara, a gente se sente muito sozinho ali.”

Evidentemente, todos nós sabemos que um barzinho não é o melhor lugar para quem busca refúgio espiritual. Ali, o vício reina absoluto, a conversação é banal e fútil, mas há quem imagine encontrar nele uma comunhão liberal, acolhedora, democrática, sem discriminação. Na verdade, nem todas as pessoas que frequentam o barzinho fazem isso porque sejam irremediavelmente más e abomináveis. Fogem para ele em busca de aceitação, de um lugar em que possam desafogar mágoas, contar dolorosos segredos pessoais. E, não raro, esse é o primeiro lugar que lhes dá acolhida.

Porém, estou absolutamente seguro de que o Senhor deseja que Sua igreja sirva de abrigo infinitamente melhor que um barzinho, para todos os Seus filhos. Um lugar em que o cansado possa repousar, o trôpego possa firmar os passos, o que chora enxugue o pranto, o despatriado encontre uma pátria, órfãos sintam amor paternal e maternal, desfilhados sintam amor filial. Sim, um lugar em que solitários encontrem companhia e amizade, rejeitados sejam aceitos, discriminados sejam incluídos, desesperados renovem a esperança, pecadores encontrem perdão e restauração, perdidos encontrem salvação. Como dizem Bruce Larson e Keith Miller, citados por Swindoll, Deus espera que a igreja seja “uma comunidade onde as pessoas possam entrar e dasabar: Estou acabado! Estou derrotado! Estou farto de tudo!”, e nela encontrar amigos de esperança que as aceitem, ouçam, compreendam e se envolvam ativamente no processo da restauração delas.

Esse modelo de igreja atrai pessoas, desperta nelas o interesse pelo evangelho, levando-as à aceitação de Cristo como Salvador. Unindo-se à igreja, essas pessoas permanecerão firmes na fé que abraçaram, crescerão em sua comunhão com Jesus e, conseqüentemente, no discipulado. De fato, como estratégia de missão, essa experiência não podia ser diferente, pois foi exemplificada por Jesus Cristo ao longo de Seu ministério terrestre. Por isso, é infalível. É atitude sábia seguir o método de Jesus. É tempo de fazermos com que igrejas e lares sejam comunidades inclusivas e atrativas para pessoas de dentro e de fora; comunidades de amigos da esperança. ■

Zinaldo A. Santos

8 DE AMIGOS A IRMÃOS

10 PLANTANDO ESPERANÇA

12 AMIGOS PARA SEMPRE



Foto: William de Moraes

15 AMBIENTE DE REFÚGIO

17 UNIDOS PELO AMOR

21 A IGREJA QUE ATRAI

24 NOS PASSOS DE JESUS

27 REAÇÃO EM CADEIA



Foto: Shutterstock

30 EM BUSCA DE AMIGOS

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

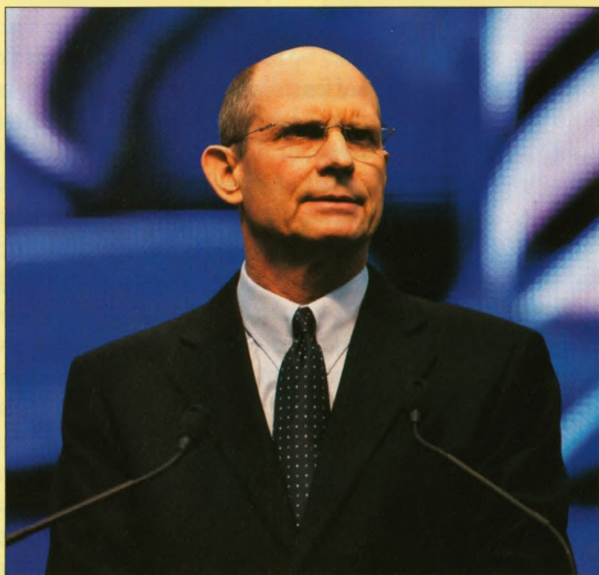
33 RECURSOS

34 DE CORAÇÃO
A CORAÇÃO

“A verdadeira e sincera expressão de simpatia cristã transmitida com simplicidade tem poder para abrir a porta de corações que necessitam do simples e delicado toque do Espírito de Cristo.” –

Ellen G. White

Revivamento nossa maior necessidade



Adventist News Network - Flickr

“Necessitamos aprender a depender mais completamente do Senhor, de modo que nossa experiência seja igual ao modelo bíblico de Atos 2, Joel 2 e Oseias 6”

por Zinaldo A. Santos

Uma declaração de Ellen G. White parece definir com precisão a experiência que o pastor Ted N. C. Wilson deseja para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a qual ele preside mundialmente, desde junho do ano passado. A declaração é a seguinte: “Um revivamento da verdadeira piedade entre nós, eis a maior e a mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscá-lo, deve ser nossa primeira ocupação. Importa haver diligente esforço para obter a bênção do Senhor, não porque Deus não esteja disposto a outorgá-la, mas porque nos encontramos carecidos

de preparo para recebê-la. Nosso Pai celeste está mais disposto a dar Seu Espírito Santo àqueles que Lho peçam, do que pais terrenos o estão a dar boas dádivas a seus filhos. Cabe a nós, porém, mediante confissão, humilhação, arrependimento e fervorosa oração, cumprir as condições estipuladas por Deus em Sua promessa para conceder-nos Sua bênção. Só podemos esperar um revivamento em resposta à oração.”

Em meio às muitas atividades a que se tem dedicado, o pastor Ted Wilson concedeu à revista *Ministério* a seguinte entrevista, na qual fala

sobre esse e outros assuntos relacionados à igreja. Ted Wilson, 60 anos e filho do pastor Neal Wilson, ex-presidente da Igreja Adventista, é casado com Nancy Louise Vollmer Wilson. O casal tem três filhas.

Ministério: Sendo filho de um ex-presidente mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o que representou para o senhor a indicação para o mesmo cargo?

Wilson: Ser indicado para esta função é uma experiência que realça nossa pequenez. Humanamente falando, não podemos cumpri-la, o

que é possível somente pela graça e a direção do Senhor. Sou muito agradecido aos muitos membros da Igreja que estão orando para que o Senhor me sustenha nessa tarefa. É muito importante que oremos uns pelos outros. Sei que Deus nos dirigirá em nosso trabalho à medida que nos humilharmos diante dEle e O buscarmos diariamente.

Ministério: *Como está a Igreja Adventista no mundo?*

Wilson: A Igreja Adventista do Sétimo Dia está crescendo rapidamente em todo o mundo. Em muitos lugares ela é reconhecida como uma bênção à sociedade. Em outros, enfrentamos dificuldades e perseguições. Estamos orando fervorosamente por um reavivamento e reforma, de modo que o Espírito Santo possa ser derramado em forma de chuva serôdia e a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14 seja espalhada como fogo no campo.

Ministério: *Quais são os maiores problemas enfrentados pela igreja, hoje, como o senhor os avalia e planeja abordá-los?*

Wilson: Um dos grandes desafios é ajudar os membros da igreja a compreender que somos o povo remanescente, chamado por Deus a fim de partilhar a solene mensagem dos três anjos de Apocalipse 14. Somos um movimento suscitado por Deus para chamar o povo de volta à verdadeira adoração a Ele. Outro grande desafio é o do secularismo fora da igreja, cujas influências também são vistas dentro dela. Devemos pedir ao Senhor que nos ajude a não nos conformarmos com este mundo, como escreveu Paulo (Rm 12:2). Precisamos resistir ao materialismo, voltando-nos inteiramente para o Senhor e Lhe pedindo que nos ajude a manter a simplicidade em um mundo complicado. É necessário que conservemos os olhos em Cristo, durante

todo o tempo. Devemos suplicar por um reavivamento e reforma, para que recebamos a chuva serôdia do Espírito Santo. É nosso dever manter firmemente nossa crença da autoridade da Palavra de Deus e na guia provida pelos escritos de Ellen G. White.

“Ao focalizarmos Cristo como o centro de nossa vida, as pessoas nos compreenderão melhor. É muito importante que O ergamos em tudo o que somos e fazemos”

Precisamos manter nossa crença na reforma de saúde e no serviço a outros. Quando nos humilharmos e nos submetemos ao Senhor, seremos capacitados pelo Espírito Santo para ir além do estado laodiceano. É tempo de permitir que Deus tome o controle dos nossos planos e ações, para que Cristo possa voltar logo.

Ministério: *Como a liderança da Igreja está enfrentando as questões que surgem sobre criacionismo, autoridade da Bíblia e do Espírito de Profecia?*

Wilson: Devemos ser muito persistentes em nossa defesa da Bíblia como autorizada Palavra de Deus. Uma vez que as pessoas comecem a utilizar o chamado método “histórico-crítico” de interpretação bíblica, nossa belíssima compreensão da Palavra de Deus também começa a desaparecer. Historicamente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem utilizado o método “histórico-bíblico ou gramatical” de interpretação das Escrituras. É vital que mantenhamos essa abordagem. Em adição a isso, o Espírito de Profecia nos ajuda a compreender mais plenamente muitas verdades das Escrituras. Por exemplo, o capítulo 9 do livro *Patriarcas e Profetas* nos disponibiliza uma demonstração maravilhosa de como Deus criou a Terra em seis dias literais. Quando compreendemos a fantástica mensagem sobre o amoroso

Deus que nos criou e morreu por nós, desejamos ser mais completamente capazes de partilhar essa mensagem com outras pessoas. Devemos sempre dar uma resposta decidida a qualquer pessoa que nos pergunte sobre a Bíblia e sua autoridade, bem como sobre o Espírito de Profecia. O Espírito Santo ajudará a nos mantermos unidos no mundo, apesar das diferenças de cultura e perspectivas.

Ministério: *E quanto aos desafios missionários?*

Wilson: Temos grandes desafios missionários em países nos quais é difícil conduzir as atividades normais de uma igreja. Atualmente, estamos em um projeto de reavaliação do nosso processo de missão evangelizadora, empregando uma abordagem que nos permitirá organizar mais precisamente nosso planejamento estratégico e aspectos orçamentários, a fim de alcançarmos o mundo sob a direção do Espírito Santo. Planos cuidadosos estão sendo elaborados no sentido de penetrarmos em áreas ainda não alcançadas. Pioneiros de missão global, utilização da mídia e outros métodos evangelísticos estão sendo empregados para encontrar maneiras práticas e pessoais de iniciar o trabalho em áreas difíceis, levando-lhes a mensagem adventista. Certamente, o Espírito Santo dirige aqueles que se tornam interessados nessa mensagem. Devemos continuar orando em favor dos milhões de grupos e pessoas a ser alcançados na janela 10/40. Queremos ver um “renascimento da missão” entre missionários de tempo integral e estudantes voluntários. Deus abrirá o caminho para maiores oportunidades de serviço para muitos que desejam partilhar a mensagem do advento.

Ministério: *Como o Senhor avalia o diálogo dos adventistas com outras comunidades cristãs?*

Wilson: Há sempre o perigo de que a Igreja Adventista queira se tornar mais e mais semelhante a outras igrejas na sociedade. Jamais devemos permitir que isso aconteça. Somos um povo chamado por Deus, conforme Apocalipse 12:17; 14:12, a fim de proclamar as mensagens de Apocalipse 14 e 18. Devemos resistir à tentação de nos aliarmos a qualquer movimento ecumênico, pois isso neutralizaria nossa mensagem distintiva. Acredito que é muito mais importante identificar a distinção da nossa mensagem. Somos adventistas do sétimo dia, e devemos estar cada vez mais dispostos a viver e agir como filhos de Deus, com uma grande missão a cumprir. Devemos focalizar nossa mensagem bíblica e ela dirá ao mundo que somos diferentes, não num sentido negativo, mas devido à íntima associação com Jesus e Sua segunda vinda, prestes a ocorrer. Evidentemente, devemos ser sinceramente amistosos e amáveis para com todas as pessoas. Porém, precisamos manter, pela graça de Deus, nossa abordagem distintiva em relação ao mundo e nossas atividades devem levar as pessoas à verdadeira adoração a Deus. Certamente, ao focalizarmos Cristo como o centro de nossa vida, de nossa existência, as pessoas nos compreenderão melhor. Entretanto, jamais devemos diminuir o respeito dado às nossas crenças doutrinárias, cujo centro é o próprio Cristo. É importante que sempre ergamos a Cristo em tudo o que somos e fazemos. Assim, as pessoas terão cada vez menos razões para dizer que somos legalistas.

Ministério: *Qual é sua visão a respeito do futuro da Igreja?*

Wilson: Vejo-a como uma igreja dinâmica e unida, trabalhando diligentemente a serviço do Senhor e das pessoas que nos rodeiam. Somos participantes do grande projeto evangelístico denominado "Diga-o ao mundo". Precisamos compartilhar

nossa fé não apenas com palavras, mas através do serviço cristão àqueles que estão em necessidade, de acordo com o que Jesus disse a Seu respeito em Lucas 4:18, 19. Precisamos de igrejas incendiadas pelo Senhor, submissas à direção do Espírito Santo, que tenham a Bíblia como o foco da vida e pratiquem as verdades nela encontradas bem como nos escritos do Espírito de Profecia. Deus nos confiou a tríplice mensagem angélica, e devemos proclamá-la sem ressalvas e com poder celestial.

Ministério: *Quais são as prioridades imediatas do seu trabalho à frente da Igreja?*

"Quando nos humilharmos e nos submetemos ao Senhor, seremos capacitados pelo Espírito Santo para ir além do estado laodiceano"

Wilson: Queremos ter uma igreja revitalizada pelo reavivamento e reforma. Precisamos aprender a depender mais completamente do Senhor, de modo que nossa experiência seja igual ao modelo bíblico de Atos 2, Joel 2 e Oseias 6. Precisamos reconhecer nossa grande necessidade, apontada por Ellen G. White: "Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós, eis a maior e a mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscá-lo, deve ser nossa primeira ocupação... Só podemos esperar um reavivamento em resposta à oração" (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 121). Quando cumprirmos as condições apresentadas em 2 Crônicas 7:14, teremos uma igreja caminhando mais intimamente com Deus e capaz de cumprir plenamente sua missão.

Ministério: *Qual é seu grande sonho em relação a cada membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia?*

Wilson: Que cada um viva em comunhão íntima com o Senhor, compreendendo o poder justificador de Cristo e o poder santificador

do Espírito Santo, em Seu trabalho de nos tornar mais semelhantes a Jesus. Justificação e santificação foram unidas por Deus no processo da salvação. Devemos tudo a Cristo, mas Deus nos pede que diariamente comprometamos nossa vida em amor e serviço ao Mestre. Então, Ele nos usará para verdadeiramente cumprir o maravilhoso conselho do profeta Miqueias: "Ele te declarou, ó homem, o que é bom e o que é que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andas humildemente com o teu Deus" (Mq 6:8). Deus deseja preparar um povo que permaneça fir-

me nos últimos dias, mediante Seu poder, como Seus representantes na Terra, demonstrando o que Ele pode fazer na missão de propagar o evangelho a toda tribo, língua e povo. "Cristo aguarda com fremente desejo a manifestação de Si mesmo em Sua igreja. Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-lo como Seu. Todo cristão tem o privilégio, não só de esperar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, como também de apressá-la. Se todos os que professam Seu nome produzissem fruto para Sua glória, quão depressa estaria o mundo todo semeado com a semente do evangelho! Rapidamente amadureceria a última grande seara e Cristo viria recolher o precioso grão" (Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 69). Tudo isso pode acontecer, quando nos humilharmos, buscarmos a face de Deus e pedirmos que Ele nos use em Sua causa. É um privilégio pertencer ao movimento que aguarda a segunda vinda de Cristo e para esse evento se prepara. ■



EVANGELISMO DA AMIZADE

De amigos a irmãos

Um projeto missionário que requer o envolvimento de todos os setores, líderes e membros da igreja



Certamente, você já ouviu bastante sobre o projeto de evangelismo integrado da igreja para este ano. Afinal, esse é nosso programa. Nesta edição da revista *Ministério*, você poderá se aprofundar um pouco mais no assunto e ampliar a visão sobre ele, ao entrar em contato com princípios que fundamentam o evangelismo da amizade, que é a base de todo o projeto. Aproveite ao máximo a leitura, permitindo-se comprometer com a campanha.

Continuaremos avançando de maneira integrada. Sempre que trabalhamos assim, multiplicamos nossa força e preparamos o caminho para que o Espírito Santo possa agir através de nós. Vamos experimentar isso, novamente, em 2011. Não vamos realizar um projeto que sobrecarregue os pastores, mas que possa ajudá-los a envolver a igreja

num programa ao mesmo tempo simples, grande e relevante. Para que esse movimento seja um aliado de cada pastor, pretendemos usar todos os recursos da igreja, a fim de mobilizar a irmandade. De fato, esse é sempre um dos grandes desafios do trabalho pastoral. Por isso, queremos facilitar seu trabalho.

Vamos transformar amigos em irmãos. Esse é o modo mais simples, agradável e produtivo de cumprir a missão. Os membros da igreja vivem em comunidade, cercados por amigos e familiares. Nosso desafio é levá-los a usar esses relacionamentos como ponte para o evangelismo da amizade. Essa é a razão pela qual foi escolhido o tema "Amigos da

esperança". Assim, levaremos a nossos amigos a mesma esperança que já possuímos.

O projeto envolve três movimentos grandes e simples, que apresentamos em seguida:

♦ **Distribuição do livro missionário *Ainda Existe Esperança*.** Trabalharemos para distribuir dez milhões de livros aos nossos amigos em toda a América do Sul. Jesus é o tema do livro missionário deste ano, e nossas crenças estão distribuídas ao longo de seu conteúdo. Por isso mesmo, trata-se de um agradável e fácil meio de contato. Devemos usá-lo para alcançar amigos, vizinhos, familiares e outros conhecidos. Ele é uma

ferramenta preciosa para o evangelismo da amizade. Vamos distribuí-lo também de casa em casa, por toda a região onde a igreja está estabelecida, bem como forma de primeiro contato na comunidade onde pretendemos abrir uma nova igreja.

Cada membro precisa ser envolvido na primeira fase do projeto. Um pouco de cada um resultará em um grande movimento. Somos pouco mais de dois milhões de adventistas no território da Divisão Sul-Americana. Se cada um adquirir e distribuir, pelo menos, dez livros durante o ano, poderemos entregar vinte milhões. Isso será um fato histórico! Envolve cada membro e cada família nesta campanha.

♦ **Realização do “Dia dos amigos da esperança”.** Essa será a grande festa missionária do ano, no dia 16 de abril. Precisaremos desafiar cada um dos membros da igreja a convidar, pelo menos, um amigo para o programa de sábado pela manhã. Assim, receberemos dois milhões de visitantes em um só dia, duplicando o número de pessoas nas congregações. É algo simples, mas será revolucionário! Algumas igrejas ficarão lotadas pela primeira vez. Outras terão que realizar mais de um culto. É um projeto do qual todos podem participar. Crianças, jovens, adultos, homens e mulheres têm amigos e podem aproveitar esse dia para levá-los à igreja. O programa desse sábado deve ser muito bem preparado: excelente recepção, boa música, tudo bem organizado. Para quem desejar, o sermão será pregado, via satélite, pelo pastor Luís Gonçalves. Esse será o momento mais envolvente de todo o projeto, mas está ligado a outras atividades bastante conhecidas.

12/03 – Dia mundial de oração. Nesse dia, o Ministério da Mulher conduzirá a igreja em uma jornada de oração em favor dos amigos que serão convidados. O Espírito Santo trabalhará no coração deles.

16/04 – “Dia dos amigos da esperança”. Logo após o programa na igreja, cada família deve convidar amigos para uma refeição em casa, abrindo os “lares de esperança”. Nesse encontro, a amizade se aprofundará, o tema da conversa deve ser o programa a que assistiram e o convite para as atividades que terão início no dia seguinte, em cada igreja ou pequeno grupo.

17-24/04 – Evangelismo de Semana Santa. Durante essa semana, os amigos que aceitarem o convite poderão aumentar a amizade e o conhecimento bíblico. A programação pode ser feita na igreja, no local onde será aberta uma nova congregação ou em um pequeno grupo. Note que, neste ano, ligamos o dia da grande festa com outro projeto de evangelismo. Essa integração deverá trazer maiores resultados à campanha.

5-12/11 e 19-26/11 – Evangelismo via satélite. Durante esse programa, esperamos colher os resultados de toda a campanha. O pregador será o pastor Luís Gonçalves. Na primeira etapa (5-12/11), ele falará direto de Buenos Aires, Argentina. Na segunda (19-26/11), a partir de Belo Horizonte, MG.

Durante esse período, as classes bíblicas estarão funcionando, os pequenos grupos receberão novos interessados e o batismo da Primavera colherá os primeiros resultados. O programa regular da igreja deve apoiar a campanha.

♦ **Plantio de novas igrejas.** Nosso objetivo é plantar duas mil novas igrejas, durante o ano. É o maior desafio de nossa história e se tornará realidade somente com a participação de cada distrito, colégio, hospital, editora, fábrica de alimentos, universidade, Associação, Missão, União e da própria DSA.

Temos mais de 2.700 distritos pastorais. Se cada um abrir apenas uma nova congregação, ultrapassaremos nossa meta. É possível conquistar grandes coisas para Deus, apenas com o envolvimento de cada pessoa ou segmento. Um pouco de cada um significa muito para a igreja. Defina, desde já, qual será o local que sua igreja vai conquistar. Comece os planos para fazer amigos nesse lugar. Primeiramente, precisamos servir a comunidade e torná-la amiga dos adventistas. Depois, poderemos transformar esses amigos em irmãos e ver nascer uma nova igreja. Cada União já tem seu projeto. Todas as instituições já estabeleceram um orçamento especial para esse projeto, buscando não apenas iniciar o trabalho, mas adquirir o terreno e construir o templo.

Lembre-se: O projeto tem uma sequência crescente: primeiro, plantaremos a semente com o livro missionário. Depois, levaremos os amigos para nossas igrejas e casas e, no fim, veremos surgir uma nova congregação. Tudo isso investindo fortemente nas relações sociais, através do evangelismo da amizade.

Esse é um projeto de evangelismo integrado. Todos os pastores, distritos, colégios, universidades, instituições e departamentos da igreja devem participar. Não se esqueça de que a força de grandes movimentos como esse está concentrada na pequena participação de cada um. Se você se mantiver à margem e buscar construir um projeto independente, terá muito mais trabalho e também fragilizará a força da campanha, dos resultados e do cumprimento da missão.

A visão de Deus continua a mesma: “O segredo de nosso êxito na obra de Deus estará na operação harmoniosa de nosso povo. Tem de haver uma ação concentrada. Todo membro do corpo de Cristo tem que fazer sua parte na causa de Deus segundo a capacidade que Ele lhe deu. Temos que conjugar esforços contra as dificuldades e obstáculos, ombro a ombro, e unidos pelo coração” (Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 75). ❧



Evangelista da Associação
Paulista Leste

Plantando esperança

Devemos alcançar as pessoas onde elas estão, e conduzi-las para onde Deus deseja que elas estejam

Sendo o cristianismo uma religião fundamentada nos relacionamentos, acaso, haveria princípios confiáveis que pudessem ser usados em uma estratégia de multiplicação de discípulos e igrejas, em 2011? Quais são os elementos multiplicadores que deveriam ser considerados em nossos planos evangelísticos? Enquanto a metodologia do evangelismo se modifica e se ajusta à cultura, existem princípios bíblicos de multiplicação de discípulos e igrejas que permanecem imutáveis. Vamos analisá-los brevemente, neste artigo.

1. Princípio da busca. A igreja precisa buscar as pessoas, e não apenas deve esperar que essas pessoas venham a ela. Esse princípio é encontrado nas várias passagens referentes à grande comissão (Mt 28:19, 10; Mc 16:15; At 1:8), e também foi enfatizado e ilustrado por Jesus (Lc 5:27-32; 15:1-31; 19:1-10). A igreja que não sai em busca de pessoas é desobediente à grande comissão.

2. Princípio do relacionamento. Precisamos investir tempo na companhia das pessoas, a fim de melhor conhecê-las. Esse princípio é ilustrado em passagens como Lucas 5:29-31; 15:1, 2; 19:7 e Mateus 9:9-13. A ideia não é ser como as pessoas perdidas; mas, estar com as pessoas que não têm Cristo. O problema é que, quanto mais tempo temos como cristãos, possuímos menos amigos não cristãos. O resultado é que o evangelismo se torna mais artificial (testemunhar para estranhos) e menos natural (testemunhar para amigos).

3. Princípio da necessidade. A igreja pode atrair pessoas, caso se preocupe em suprir as necessidades delas (At 2:45; Ef 4:29; Fp 4:19). Jesus usava esse método como oportunidade para suprir-lhes as necessidades espirituais. As pessoas darão atenção a pessoas, sermões e programas que apresentem soluções bíblicas para suas necessidades. Devemos alcançá-las onde estão e, pacientemente, conduzi-las para onde Deus deseja que estejam; como Cristo fez com a mulher samaritana (Jo 4).

4. Princípio da oração intercessora. É essencial que os membros da igreja orem pedindo que Deus lhes

conceda genuíno desejo de alcançar o perdido. Jesus relacionou a oração à mobilização da igreja para o trabalho (Mt 9:38). Quando a igreja se move para o mundo, a fim de trabalhar e testemunhar, seus esforços devem ser acompanhados pela oração (At 13:3). O êxito da missão da igreja depende da oração (Cl 4:3; 2Ts 3:1; Fp 1:19).

5. Princípio da receptividade. A igreja deve priorizar a evangelização de pessoas receptivas, interessadas em assuntos espirituais. Essa foi a instrução de Jesus aos discípulos (Mt 10:11-15; Mc 6:10, 11). Esse conceito está exemplificado na parábola do semeador (Mt 13:1-9, 18-23). Os diferentes solos ali mencionados representam o local onde as pessoas estão na linha da receptividade. Como identificar essas pessoas? Charles Arn ensina que elas são mais propensas a mudar o estilo de vida, durante períodos de transição ou eventos que lhes causam estresse, tais como morte na família, divórcio, doenças ou crises.

6. Princípio do estilo natural. Cada cristão tem um ou mais estilos de evangelizar. Existe o estilo confrontacional, demonstrado no sermão de Pedro (At 2). O estilo instrutivo foi demonstrado por Paulo (At 17),

quando ele provou e explicou que Jesus era o Messias. Há também o evangelismo como testemunho dado pelo cego do relato de João 9, ou na forma de convite usado pela mulher samaritana (Jo 4), e que atraiu toda a cidade para ouvir Jesus. Há também o estilo evangelístico de serviço, utilizado por Dorcas (At 9). Uma abordagem eclética envolveria uma combinação desses estilos. Cada igreja deve ajudar os membros a descobrir seu estilo natural de evangelismo.

7. Princípio da amizade. O método mais eficaz e natural de evangelismo ocorre nos relacionamentos pessoais e familiares. Em Atos 10:24 e 11:14, Cornélio teve compaixão de si mesmo, de sua família e dos amigos próximos. Em Atos 16:4, 15, Lídia aceitou a salvação em Cristo e também o fez toda a sua família. O mesmo ocorreu com o carcereiro de Filipos e respectiva família (At 16:30-34). O padrão se repetiu na situação de Crispo e família (At 18:8), do oficial do rei (Jo 4:53), da família de Zaqueu (Lc 19:9) e da casa de Estéfanos (1Co 1:16). A igreja precisa encorajar os membros a levar o evangelho aos interessados naturais, como a própria família, vizinhos e amigos.

Estratégia individual

Ao se lançar uma nova igreja, é preciso incluir tanto uma estratégia corporativa quanto individual de conquistar pessoas para o evangelho. A primeira envolve escolha do local, preparo da igreja-mãe, treinamento da equipe de pioneiros, cultivo do terreno, evangelismo e incorporação dos novos membros. A segunda envolve a realização de algumas tarefas pelos membros e pioneiros, para alcançar amigos e familiares, e que podem ser aplicadas ao plantio de igrejas.⁴ Os membros do núcleo da nova igreja devem assumir a responsabilidade pessoal de alcançar pessoas do seu círculo de relacionamentos.

◆ Em busca de pessoas receptivas ao evangelho, identifique sua comunidade relacional (*oikos*). Pro-

vavelmente, estejam atravessando um período de crise na vida. Cada pessoa tem uma rede relacional que consiste de, pelo menos, três grupos: comunidade familiar (pais, irmãos, tias, sobrinhos, avós); comunidade local (amigos e vizinhos) e a comunidade do trabalho. Como primeiro passo para alcançá-los, liste dez deles.

◆ Comece a orar regularmente em favor de cada membro da lista. A oração intercessora é um canal para que a sabedoria de Deus possa fluir através de nós, alcançando outros. Ela nos dá o conhecimento, para podermos compartilhar Seu amor, e a chave para o coração das pessoas (Is 50:4; Tg 1:5). Também nos dá sabedoria para discernir circunstâncias criadas por Deus na vida das pessoas, a fim de atraí-las a Jesus.

◆ Cultive relacionamento com as pessoas selecionadas na lista. Você pode criar pontos de contato através de *hobbies* ou interesses comuns, tais como jardinagem, esportes, costura, livros e culinária. Oferecer-se para cuidar dos filhos de um casal em um momento especial, levar um pão caseiro ao vizinho, providenciar refeição para uma família enlutada, limpar a casa de um casal de idosos, sorrir e saber ouvir são ingredientes de uma boa amizade. Cative o coração da pessoa por meio de gestos de cortesia e bondade. Então, poderá doutriná-la.

◆ Atenda as necessidades das pessoas e busque momentos de receptividade. Na medida em que você se aproxima de alguém, haverá um compartilhamento mútuo de experiências: tristezas, desapontamentos, falhas e necessidades. Fique atento a esses momentos, porque situações de crise familiar, estresse, perda do trabalho, morte de alguém próximo, dificuldades financeiras e outras pressões da vida fornecem oportunidades para expressarmos o amor de Cristo, através de atos compassivos. Ouça atentamente, e aproveite o momento ideal para orar com as pessoas e em favor delas (Tg 5:16).

◆ Pratique o evangelismo. Se seu estilo de evangelizar é o testemunho, fale sobre o que Deus fez por você; se é instrução, ofereça um estudo bíblico. Se for serviço, providencie recursos que atendam as necessidades: livros, DVDs ou CDs especiais. Suplemente seu estilo com outros no corpo da igreja (1Co 3:16). Com sensibilidade e tato para com as preferências e pontos de vista da outra pessoa, esse é o momento de escolher um veículo de colheita mais apropriado.

Estratégia corporativa

Não apenas os membros do núcleo precisam estar envolvidos pessoalmente no evangelismo, mas a nova igreja precisa ter uma estratégia corporativa de evangelismo. É importante ter programas relevantes e atividades que atendam os vários grupos e idades na comunidade, ou seja, pobres, imigrantes, solteiros, casais e idosos.

◆ Convide a pessoa para eventos especiais. Usando o estilo evangelístico de convite (operação André), leve as pessoas a reuniões especiais que contenham forte ministério de ensino da Palavra de Deus, como Escola Sabatina, classes bíblicas ou reuniões evangelísticas.

◆ Encoraje a pessoa a crescer espiritualmente e a usar seu estilo de evangelismo. A estratégia corporativa deve equilibrar evangelismo com edificação. Treinamento modular é uma abordagem sistemática para ajudar os novos discípulos a crescer na formação de hábitos espirituais, a aprofundar o conhecimento bíblico, desenvolver habilidades e dons de serviço, bem como fazer decisões que os ajudem a crescer em maturidade espiritual e multiplicação.

A igreja necessita cumprir sua missão com o estabelecimento de um sistema de multiplicação de discípulos e de novas igrejas. Em vez de buscar um crescimento por adição, temos de crescer de maneira exponencial. Para isso, precisamos de igrejas plantando igrejas, que, por sua vez, plantem novas igrejas. ■



Amigos para sempre

Existem muitas maneiras de evangelizar; mas somente uma conduz ao verdadeiro sucesso nesse trabalho

Todos nós temos amigos. São pessoas com as quais apreciamos estar, pessoas com quem gostamos de trabalhar, interagir e nos divertir, e em cuja companhia deveríamos querer viver a eternidade. Também queremos ter cada vez maior número de amigos. Na verdade, se você faz parte de comunidades virtuais como *Facebook* e outras, parece que eles nunca serão bastante.

Depois que uma pessoa se torna cristã, a maioria dos amigos que ela possui também é cristã. De fato, algumas pesquisas sugerem que logo nos primeiros dois anos seguintes ao do batismo de uma pessoa, a maioria dos amigos dela está na igreja. Isso pode ser bom, mas, certamente, não nos ajuda a ganhar nossos amigos para Jesus. Se todos os nossos amigos íntimos estão na



igreja, então necessitamos começar a procurar e construir novas amizades com pessoas que não fazem parte da nossa congregação.

Anos atrás, Ellen G. White escreveu sua clássica definição de evangelismo, no livro *A Ciência do Bom Viver*, p. 143: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens co-

mo uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me.’”

Caminho para o êxito

Essa declaração pressupõe que existem muitas maneiras de evangelizar, mas apenas uma produzirá “verdadeiro êxito”, e essa maneira é

a abordagem amistosa. Assim, a inspiração indica que uma abordagem relacional é o único método que nos garante êxito evangelístico. A fim de alcançar as pessoas, devemos construir relacionamento com elas. Isso não é um chamado a dizer às pessoas que elas estão erradas, mas um sonoro chamado ao povo de Deus, a fim de construir relacionamentos com pessoas que estão longe de Cristo.

Entretanto, Ellen White não está defendendo a amizade apenas como “gancho”. Ela defende que os adventistas tenham significativos relacionamentos com as pessoas e, como resultado desses contatos, muitas delas aceitarão a Cristo. Devemos amar incondicionalmente as pessoas, mas no processo de recepção desse amor incondicional, muitas delas acabarão conhecendo Jesus e aceitando-O como amigo e Salvador pessoal.

Foi isso que Cristo fez, declarou Ellen White. Ele misturava-Se com as pessoas, buscando o bem delas. Investiu tempo com indivíduos perdidos. Foi conhecido como amigo de publicanos e pecadores. E essas pessoas que estavam perdidas gostavam de Sua companhia. Na realidade, a maioria das pessoas que se sentiam à vontade com Jesus era constituída de pecadores. Aqueles que se consideravam “santos” não se sentiam à vontade diante dEle. Jesus estava onde os perdidos estavam. Ele frequentava suas festas e os procurava onde eles trabalhavam ou se divertiam. Embora jamais comprometesse Suas convicções pessoais, Cristo gostava de estar com homens e mulheres perdidos.

Algumas vezes, fazemos justamente o oposto ao que Cristo fez. Gastamos a maior parte de nosso tempo com os “santos”, e bem pouco tempo interagindo com pecadores. Até nos orgulhamos de nós mesmos, pelo fato de não participarmos das comemorações de nossa vizinhança, porque todo mundo consome bebida alcoólica. Ninguém precisa beber álcool, assim como Jesus não o fez nas festas a que assistiu. É esse exem-

plo que devemos seguir. Se não nos aproximarmos das pessoas, jamais conquistaremos o direito de partilhar Jesus com elas no tempo apropriado.

Tempo com “pecadores”

De acordo com a definição de evangelismo apresentada por Ellen White, somente nos é possível partilhar Jesus no contexto do relacionamento. Somente depois que Jesus conquistava a confiança das pessoas, ela diz, Ele as convidava a segui-Lo. Em termos práticos, o que isso significa para nós? Simplesmente isto: Não partilharemos Jesus com alguém enquanto não nos relacionarmos com ele. Por isso, convidar amigos para um pequeno grupo é muito importante. É ali, no contexto de um pequeno grupo de relacionamentos, que eles serão conquistados para Cristo.

Se alguém decidir testemunhar “de porta em porta”, deve fazê-lo com o propósito de, primeiramente, construir relacionamentos com as pessoas. Isso significa que não precisamos partilhar Cristo na primeira vez que bate-mos a uma porta, mas, em vez disso, procurar encontrar algum ponto em comum, fundamentados no qual devemos desenvolver o relacionamento com a pessoa. Sendo formado esse relacionamento, podemos convidá-la para nosso pequeno grupo e, desse modo, o relacionamento se desenvolverá. Uma vez que seja estabelecido o relacionamento de alguém conosco e com outros amigos da igreja, será mais fácil partilhar a mensagem de esperança que nos é tão querida.

Mas, de que maneira podemos nos relacionar com as pessoas? Investindo tempo e interagindo com elas. Algumas vezes, isso pode ser arriscado, assim como foi arriscado para Jesus vir à Terra com o propósito de Se relacionar conosco. Assim, devemos ir às pessoas, alcançando-as onde elas estão, traduzindo o evangelho para a cultura delas, ao mesmo tempo em que nossa vida reflete a graça transformadora de Cristo Jesus. O resultado será que elas alimentarão o desejo de ter o que nós temos.

Não nasci em um lar adventista do sétimo dia, mas em uma família batista. Meu pai era implacavelmente contra o fato de eu me tornar adventista. Apesar disso, fui batizado aos 17 anos. Quando o pastor adventista foi me visitar, meu pai tentou evitá-lo, fugindo para o porão de nossa casa, onde ele estava construindo um barco. Assim que terminou de falar comigo, mesmo sem me pedir permissão, o pastor abriu a porta do porão e desceu para falar com meu pai. Não disseram uma palavra sequer sobre a Bíblia; apenas se tornaram amigos. O pastor sabia que meu pai gostava de pescar, e lhe disse que gostaria de pescar com ele algum dia. Meu pai aceitou alegremente a sugestão e, finalmente, foi pescar com o pastor adventista, líder de uma igreja que ele desprezava. Como resultado, depois de algum tempo, meu pai acabou se tornando colportor adventista. Tudo isso aconteceu porque um pastor convidou meu pai para uma pescaria.

Se aquele pastor não resistisse à tentação de dar um estudo bíblico, meu pai teria dito um enfático “não”; mas não pôde resistir a um convite amigável. Existem muitas pessoas como meu pai, que nunca serão atraídas por meio de estudos bíblicos, por mais importante que seja isso, e mesmo considerando que posteriormente irão estudar a Bíblia. Mas, essas pessoas serão ganhas se tomarmos tempo para construir um relacionamento com elas.

Passo a passo

Notemos como se desenrola o processo do evangelismo da amizade:

- ◆ Pense nas pessoas que você conhece e que não são cristãs ou adventistas. Faça uma lista com o nome dessas pessoas.

- ◆ Olhe a lista e escolha três ou quatro pessoas como objeto de sua atenção missionária. Você não pode focalizar todo mundo de uma vez. Como você pode escolher as pessoas que deverá focalizar? Avalie a receptividade delas naquele momento.

“Se não nos aproximarmos das pessoas, jamais conquistaremos o direito de partilhar Jesus com elas no tempo apropriado”

Pessoas que atravessam crise na vida, normalmente, estão mais abertas ao evangelho em relação àquelas cuja vida é agradavelmente estável.

◆ Ore em favor dessas pessoas. Faça delas o objeto de suas orações. Coloque o nome delas em um cartão e ponha esse cartão no espelho do banheiro, a fim de lembrar de orar em favor delas, mesmo enquanto você se olha no espelho pela manhã. A ideia é orar regular e enfaticamente em favor das pessoas que foram selecionadas.

◆ Pratique algum gesto de amor e bondade para com as pessoas que você escolheu. Isso deve ser fundamentado nas necessidades das pessoas, não suas necessidades. O evangelho é partilhado melhor através de atos de amor e bondade. Foi esse o exemplo que Jesus nos deu, durante Seu ministério, e que devemos seguir.

◆ Fortaleça seu relacionamento com a pessoa. Você pode fazer isso compartilhando alguma atividade com ela. Encontre alguma coisa que lhes seja comum, assim como o pastor adventista fez com meu pai. Desfrutar juntos uma refeição sempre ajuda a solidificar amizades.

◆ Apresente a pessoa a outros adventistas. Por exemplo, talvez você não seja grande pescador; então, convide alguém na igreja que goste desse *hobby* para lhes acompanhar. Esse acompanhante ajudará a fortalecer o relacionamento. Como resultado, a pessoa conhecerá dois adventistas, em vez de apenas um. Quanto mais irmãos a pessoa conhecer, maior será a chance de ela se tornar membro da igreja.

◆ Convide a pessoa para assistir a eventos da igreja. De fato, esses eventos dependerão do nível em que ela se encontra na caminhada

espiritual. Ela pode não estar pronta para assistir a certas programações internas, mas você pode convidá-la para um acampamento, um piquenique, ou apresentação musical. Enquanto

a pessoa assiste aos eventos disponíveis, ela começa a conhecer mais pessoas adventistas. Finalmente, apreciará estar com os adventistas. Em algum momento nesse processo, você pode convidá-la para seu pequeno grupo, onde a amizade pode ser aprofundada e crescer.

◆ Ouça e responda às perguntas que a pessoa fizer. Enquanto assiste ao pequeno grupo, a pessoa começará a fazer perguntas que podem levar ao estudo bíblico.

◆ Batize o novo converso. Quando a pessoa aceita a mensagem bíblica de Cristo e dá totalmente a Ele o coração, deve ser batizada e se tornar parte da família adventista.

◆ Discipule o novo converso, de modo que a pessoa se torne um discípulo reproduzidor. Então, o círculo continuará, à medida que o novo crente também construir relacionamentos com outras pessoas que necessitam de salvação.

Esse é o simples processo do evangelismo da amizade. Lembre-se de que, segundo Ellen White, esse método de desenvolver relacionamentos com as pessoas, conquistando assim o direito de partilhar o evangelho com elas, é o único método que produzirá verdadeiro sucesso no evangelismo. Acaso, temos algum argumento contrário a isso?

Esse método está vinculado muito intimamente aos pequenos grupos. Enquanto cada membro de um pequeno grupo alcança pessoas e desenvolve com elas esse tipo de relacionamento salvador, e as convida para o pequeno grupo, o próprio grupo crescerá e se multiplicará. O resultado será a rápida expansão do reino de Deus e poderá ser abreviado o dia em que Jesus virá buscar Seus amigos para levá-los ao eterno lar.

Comece agora

Eu pastoreava a igreja de Spokane, Washington, quando um casal me procurou no escritório. Informaram-me que tinham uma filha morando naquela área e desejavam que convidássemos os filhos dela para nossa Escola Cristã de Férias. Concordei, e dei o endereço da senhora à líder da ECF. Isso aconteceu quando a programação já estava em andamento, de modo que ela colocou o nome de lado, esqueceu-se, e a família somente foi encontrada depois que a programação terminou.

Sentindo-se culpada pelo esquecimento, a professora foi visitar a família. Lá encontrou uma mulher bêbada, cujos filhos menores viviam correndo pela vizinhança. O filho primogênito, de 17 anos, vivia com a namorada na própria casa. Em vez de voltar, nossa professora fez amizade com a mãe que, posteriormente, recebeu estudos bíblicos e foi batizada em uma campanha evangelística. Meses depois do batismo, uma vizinha resolveu visitá-la, e comentou sobre a mudança que todos observavam na vida dela. A mulher falou sobre o que Cristo tinha feito em sua vida, e a vizinha ficou muito impressionada com o relato. Tempos depois, ela e o esposo também receberam estudos bíblicos e foram batizados. O filho da mulher e a namorada dele também foram influenciados, estudaram a Bíblia, se casaram e foram batizados, assim como outros vizinhos. Aproximadamente 25 pessoas foram batizadas como resultado daquele trabalho.

Por que não começar esse processo agora? Olhemos ao nosso redor. Que pessoa Deus nos está indicando a fim de construirmos com ela um relacionamento redentor? Escolhamos nosso grupo e comecemos os dez passos do processo, de acordo com o que foi indicado neste artigo. Não demorará muito, e essas pessoas farão parte de um pequeno grupo, da igreja e, mais importante, estaremos ligados pela eternidade. ■



Ambiente de refúgio

“As pessoas precisam de um lugar onde possam ser amadas e cuidadas, onde possam ser abertas e vulneráveis”

Poucos meses atrás, visitei um pequeno grupo frequentado por servidores da Divisão Sul-Americana. No momento dedicado ao testemunho, ouvi um dos membros daquele grupo dizer, a propósito do aniversário que ele comemorava naquele dia: “Costumeiramente, o pessoal do meu coral sai para comemorar os aniversários e alguns me telefonaram para combinar a saída. Porém, eu disse a eles que já tinha compromisso com meu pequeno grupo. Quando eu mais precisei, vocês me sustentaram com suas orações e amizade. Agora, em um momento de alegria e bênçãos, fiz questão de vir aqui para comemorarmos juntos.”

Percebi que aquele pequeno grupo realmente estava cumprindo seu papel de acolher com carinho e amizade, e isso tinha feito diferença.

“Os seres humanos são basicamente sociáveis”, diz Russel Burrill, acrescentando que “não fomos feitos

para viver sozinhos, mas em comunidade. Essa necessidade de viver em comunidade foi criada por Deus e é inerente ao nosso ser.”¹ Na criação, Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2:18). E Jesus Cristo ressaltou: “Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13:35).

Interação indispensável

A expressão “uns aos outros” é bastante utilizada por Paulo e é repetida 75 vezes na Bíblia,² servindo para descrever a forma de relacionamento que Deus espera ser desenvolvido por Sua igreja. Por exemplo, os irmãos devem ser bondosos e compassivos uns para com os outros (Ef 4:32), encorajar os outros (Hb 3:13), ser benignos e aconselhar uns aos outros (Rm 15:14), orar uns pelos outros (Tg 5:16), levar as cargas uns dos outros (Gl 6:2), amar uns aos outros (Jo 13:35), não falar mal uns dos outros (Tg 4:11).

Novamente citando Burrill, “nesse sentido, é impossível ser cristão e viver em isolamento... não há cristianismo fora da comunidade. Envolvimento na comunidade significa viver em mútua dependência de outros cristãos”³

Geralmente, não gostamos de ser dependentes; aliás, vivemos em uma sociedade egoísta, em que cada um deseja viver a vida a seu próprio modo. Contudo, ninguém é feliz vivendo dessa maneira. “Deus colocou no coração humano o desejo de conhecer e ser conhecido, amar e ser amado. A humanidade precisa desesperadamente de comunidade hoje. As pessoas precisam de um lugar onde possam ser amadas e cuidadas, onde possam ser abertas e vulneráveis, sem ser julgadas”.⁴

O ambiente mais propício para se viver satisfatoriamente esse tipo de relacionamento é o pequeno grupo. Embora as várias reuniões programadas pela igreja sejam essenciais

para o crescimento cristão, elas não podem substituir a reunião de pequeno grupo.

Reuniões sociais

Por sua informalidade e natureza, o encontro do pequeno grupo provê condições adequadas para desenvolver amizade, cuidado mútuo e prestação de contas. João Wesley, o pai do metodismo, chegou a essa mesma conclusão. Ele descobriu que a melhor forma de cuidar e consolidar a fé das pessoas que eram atraídas às suas reuniões evangelísticas era através das chamadas classes, uma espécie de pequeno grupo que ele passou a desenvolver. Wesley levava tão a sério a importância da participação de seus conversos nessas classes, que não aceitava no metodismo quem recusasse tal prática.⁵

O adventismo primitivo também se desenvolveu colocando as chamadas “reuniões sociais”, pequenos grupos da época, no centro de suas atividades.⁶ Nossos pioneiros “viam que o adventismo não devia se preocupar apenas com o desenvolvimento mental do crente, mas também com a natureza emocional, ou social... Eles consideravam o desenvolvimento harmonioso das faculdades físicas, mentais, sociais e espirituais como a essência da verdadeira educação.”⁷ Portanto, por meio das reuniões sociais, eles cuidavam do desenvolvimento relacional dos membros, e procuravam mantê-los espiritualmente responsáveis. Ali, as pessoas compartilhavam a vida cristã. Era o lugar em que os membros mais amadurecidos e os neófitos recebiam apoio e discipulado.

Descrevendo o conteúdo dessas reuniões, Ellen G. White escreveu: “Reunimo-nos para mutuamente nos edificarmos com o intercâmbio de ideias e sentimentos; para adquirirmos poder, luz e ânimo ao nos familiarizarmos com as esperanças e desejos uns dos outros; e ao orarmos com fé, sinceridade e fervor receberemos refrigério e vigor da Fonte de poder. Essas reuniões devem, pois,

ser ocasiões sumamente preciosas e tornar-se atraentes a todos os que apreciem as coisas religiosas.”⁸

“Para os pioneiros do adventismo, as reuniões sociais eram consideradas parte regular da vida da igreja.”⁹ “Frequentá-las assiduamente era considerado dever para os crentes.”¹⁰ “Elas eram realizadas em nível de igreja local, nas reuniões campais e mesmo nas sessões da Associação Geral, como parte da agenda regular devocional e de negócios.”¹¹ Ellen White chegou a dizer que o cristão é alguém ativo nas reuniões sociais: “O cristão é uma pessoa semelhante a Cristo, ativa nos serviços de Deus e presente nas reuniões sociais e cuja presença animará também a outros.”¹² Ela ainda aconselhou que os pastores novos deviam ser ensinados a conduzir reuniões sociais.¹³

Treinamento necessário

Diante disso, não podemos deixar em segundo plano o movimento de pequenos grupos entre nós, hoje. Temos diante de Deus a responsabilidade de fortalecê-los e multiplicá-los, a fim de possibilitarmos aos membros de nossas igrejas o ambiente de amizade e acolhimento de que necessitam. Assim como os primeiros adventistas, devemos manter equilíbrio entre o racional (cognitivo) e o relacional.

Todavia, não podemos nos esquecer de que o simples fato de reunirmos as pessoas em pequenos grupos não é suficiente para ter o ambiente pronto para desenvolver a amizade conforme necessitamos. Precisamos treinar líderes e investir na criação de grupos com essa ênfase.

Para que um pequeno grupo atenda as necessidades de amizade e companheirismo, são necessárias quatro coisas, conforme enumeramos em seguida:

1. Disposição para aceitar as pessoas como são, sem julgamento nem condenação. As pessoas só irão se abrir, quando se sentirem seguras e aceitas.

2. Os membros precisam ser confiantes. O que for falado no grupo não pode sair dali.

3. O estudo da Bíblia deve ser aplicativo. O objetivo é atender as necessidades das pessoas com a mensagem bíblica. Discussão doutrinária é feita nas classes bíblicas, nos sermões, estudos bíblicos e lição da Escola Sabatina.

4. Ação intencional de cuidado mútuo entre os membros do grupo. É a prática do princípio “uns aos outros”, visitação, oração intercessora, comemoração de datas especiais e atendimentos das necessidades dos membros.

No dia 16 de abril, comemoraremos no território da Divisão Sul-Americana o “Dia do Amigo”, com o lema “Amigos da Esperança”. Naquele sábado, cada adventista deve ser incentivado a levar um amigo à igreja, e convidá-lo para almoçar, tornando a casa um “lar de esperança”. O passo seguinte é convidar o amigo para as reuniões evangelísticas da Semana Santa, nos dias 17-14 de abril.

Oramos para que cada pequeno grupo na América do Sul seja, de fato, um lugar de refúgio, um ambiente em que cada pessoa se sinta amada e acolhida. O lugar por excelência, em que se cultiva a verdadeira amizade cristã. Burrill foi ao ponto, ao falar sobre os resultados desse trabalho: “Raramente perdemos uma pessoa que se une a um pequeno grupo, por causa das pontes relacionais que são construídas”.¹⁴ ❧

Referências:

¹ Russell Burrill, *Como Reavivar a Igreja do Século 21*, p. 25.

² Heron Santana, *Pequenos Grupos, Teoria e Prática*, p. 161.

³ Russell Burrill, *Op. Cit.*, p. 30.

⁴ *Ibid.*, p. 43.

⁵ *Ibid.*, p. 108.

⁶ Russell Burrill, *Revolução na Igreja*, p. 126-129.

⁷ _____, *Como Reavivar a Igreja no Século 21*, p. 126.

⁸ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 2, p. 578.

⁹ Russell Burrill, *Como Reavivar a Igreja no Século 21*, p. 118.

¹⁰ *Ibid.*, p. 123.

¹¹ *Ibid.*, p. 127, 131.

¹² Ellen G. White, *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia*, v. 7, p. 935.

¹³ _____, *Signs of the Times*, 17/05/1883.

¹⁴ Russell Burrill, *Revolução na Igreja*, p. 129.



Professor de Teologia,
jubilado, reside na Argentina

Unidos pelo amor

A sobrevivência espiritual dos novos crentes muito depende do carinho recebido por eles na congregação

A igreja do primeiro século é conhecida por seu companheirismo e crescimento espetacular: mais de um milhão de cristãos.¹ A razão disso é ter seguido o modelo de amor fraternal e unidade ensinado por Jesus. Uma característica da igreja de Antioquia foram “as relações familiares do reino”.² Essa condição provia um ambiente equilibrado para o amadurecimento, cuidado mútuo, unidade, disciplina, proteção e cura física.³ Era um estilo de vida tão parecido com o de Cristo, que “em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos” (At 11:26). Sem dúvida, Barnabé, o “filho da consolação” honrou o próprio nome, fazendo sentir sua influência cristã nessa cidade e em toda a igreja primitiva. Ele acreditava nas relações afetivas do reino.

Em contrapartida, Saulo de Tarso conhecia o proselitismo judeu, mas desconhecia a afetuosa evangelização cristã. Finalmente, se deparou com as relações afetivas do reino, que de forma natural produziam a evangelização cristã. As comunidades cristãs, impregnadas do amor de Cristo tinham só uma ambição: “revelar a semelhança do caráter de Cristo, bem como trabalhar pelo desenvolvimento de Seu reino”.⁴ Isso as colocava naturalmente no caminho certo da missão cristã.



Impactos do amor

O primeiro impacto do amor em Saulo aconteceu quando ele era jovem membro do Sinédrio. Nessa condição, ele “tinha participado de maneira destacada no julgamento e condenação de Estêvão, e a impressionante evidência da presença de Deus com o mártir o havia deixado em dúvida quanto à justiça da causa que ele havia abraçado contra os seguidores de Jesus”.⁵ Sendo apedrejado, o primeiro mártir cristão “ajoelhando-se, clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado” (At 7:60). Isso causou tal impacto em Saulo que, de perseguidor, chegou a ser discípulo de Jesus.

“Se faltar afeto, morrerá a igreja; porque também morrerá a evangelização ensinada pelo Senhor”

Outro impacto da amizade cristã sobre ele aconteceu quando perseguiu os cristãos nas casas deles (At 8:3). Porém, esse mesmo Saulo logo edificaria a igreja anunciando e ensinando publicamente e de casa em casa (At 20:20). Seguramente, a lembrança daquelas comunidades cristãs assoladas por ele fez com que dobrasse os esforços evangelizadores, usando a mesma estratégia de carinho e de ir pelas casas a fim de fortalecer no amor aquelas comunidades.

Mas, o impacto por excelência foi o encontro dele com Jesus. Paulo fala disso ao rei Agripa: “Ao meio-dia, ó rei, indo eu caminho fora, vi uma luz no céu, mais resplandecente que o sol, que brilhou ao redor de mim e dos que iam comigo. E, caindo todos nós por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que Me persegues?” (At 26:13, 14). Jesus o chamou num idioma familiar. A condescendência, paciência e longanimidade do Messias lhe falando na linguagem do seu coração, transformou o perseguidor em discípulo. Mais tarde, ele diria: “a

bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento” (Rm 2:4).

Numa visão, Ananias foi comissionado a visitar Saulo. “Ananias, porém, respondeu: Senhor, de muitos tenho ouvido a respeito desse homem, quantos males tem feito aos Teus santos em Jerusalém; e para aqui trouxe autorização dos principais sacerdotes para prender a todos os que invocam o Teu nome” (At 9:13, 14). Jesus o fez entender que Saulo havia sido transformado e tinha uma missão especial entre os gentios. Então, Saulo recebeu o impacto da visita de um dos seus perseguidos, o qual “impôs sobre ele as mãos, dizendo: Saulo, irmão, o Senhor me enviou, a saber, o próprio Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo” (At 9:17).

Mesmo a perseguida igreja de Damasco devia praticar a evangelização do amor para com seu perseguidor. Aquela congregação celebrou o batismo de Saulo e chegou a ser sua primeira igreja (At 9:19, 20). A conversão de Saulo e o carinho da igreja o transformaram em evangelista. “Com profundo afeto por quem eram seus irmãos segundo a carne, Saulo se entregou totalmente à obra de evangelização entre eles.”⁶ O impacto evangelizador foi muito grande, ao ponto de os judeus resolverem matar Saulo. E o carinho da igreja voltou a aflorar. “Mas, os seus discípulos tomaram-no de noite e, colocando-o num cesto, desceram-no pela muralha” (At 9:25).

Barnabé e Paulo

“Tendo chegado a Jerusalém, procurou juntar-se com os discípulos” (At 9:26). Ali, conheciam muito bem seu passado e com razão supunham que poderia estar querendo infiltrar-se na igreja, para depois causar maior prejuízo. “Mas Barnabé, tomando-o consigo, levou-o aos apóstolos; e lhes contou como ele vira o Senhor no caminho, e que este lhe falara, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Jesus” (At 9:27).

Deus pôs em contato com Paulo um membro da tribo religiosa levita e com experiência transcultural: José, natural de Chipre. Esse discípulo vivia a evangelização do amor e seguia tão de perto o modelo de Cristo que os apóstolos lhe deram por sobrenome Barnabé, que significa “filho da consolação” (At 4:36).

Para Barnabé, a amizade cristã não era apenas uma estratégia proselitista, mas uma realidade experimental, natural em um cristão. Ele não tinha uma fachada de cristão ao tratar com interessados, e outra forma de ser no trato interno da igreja. Barnabé sabia que o simples testemunho cristão levaria o evangelho a todas as etnias. Também sabia que a amizade cristã era fundamental para o desenvolvimento das comunidades cristãs. Por isso, como resultado de seu ministério em Antioquia, “muita gente se uniu ao Senhor” (At 11:24), a tal ponto que necessitou ajuda de outros obreiros. Foi assim que Barnabé buscou Saulo e o integrou ao ministério em Antioquia.

Inicialmente, Paulo não tinha muito clara a forma de viver o cristianismo no ministério, e foi um obstáculo para que Barnabé praticasse a amizade cristã com seu sobrinho Marcos (At 15:36-41). Ainda com bastante legalismo proselitista no coração, à primeira demonstração de desânimo por parte de Marcos, Paulo o descartou como inútil para o trabalho. Para ele, não era “justo levarem aquele que se afastara desde a Panfília, não os acompanhando no trabalho” (At 15:38). Fechado em sua atitude, contribuiu para a primeira divisão de uma equipe missionária. Mas, Barnabé esteve disposto a ser criticado por dar uma segunda oportunidade ao parente. E o tempo se encarregou de lhe dar razão. Mais tarde, Paulo reconheceu o erro cometido (2Tm 4:11).

Companheiros de lutas

Paulo sempre usa a expressão “companheiros de lutas”. Na primeira vez, ele a usou na carta aos filipenses, referindo-se a Epafrodito

(Fp 2:25), cujo nome significa “amado”, e realmente esse discípulo honrou seu nome. Por isso, Paulo também o chamou de “irmão, cooperador”. Epafrodito expôs a vida para prestar ao apóstolo um serviço sagrado, reverente, obediente, abnegado e de relações cordiais (Fp 2:30).

Paulo enviou a Filipos esse “irmão, colaborador e companheiro”, para consolidar a evangelização e edificar a nova igreja (Fp 2:25-30; At 16:11-40). Epafrodito não era um caso isolado de amor abnegado dentro do cristianismo primitivo. Tertuliano menciona que os pagãos, maravilhados com o amor sacrificial dos cristãos daquela época, diziam: “Vejam como se amam entre si e como estão dispostos a morrer uns pelos outros.” E Minucio Feliz, disse, ao refletir sobre o ambiente que o amor causava entre os gentios: ‘Amam-se mesmo antes de se conhecerem.’⁷ Essa evangelização pelo testemunho do amor cristão causou impacto no Império Romano.

Na segunda vez em que Paulo usou a expressão “companheiro de lutas”, ele se referiu a Arquipo, na carta a Filemom. Essa carta é uma “pequena joia de amor cristão” que trata de “um problema doméstico daqueles dias: a relação entre o senhor cristão e um arrependido escravo fugitivo”.⁸ Os termos da carta transpiram amizade. Notemos as palavras-chave: “Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo, ao amado Filemom, também nosso colaborador, e à irmã Áfia, e a Arquipo, nosso companheiro de lutas, e à igreja que está em tua casa” (Fl 1, 2). A fraternidade cristã de irmãs e irmãos amados colaborava e gerava a sinergia necessária para potencializar os resultados da evangelização.

Arquipo, Filemom e Áfia, como colaboradores de Paulo, se uniram na evangelização de Colossos e na comunhão da igreja na casa de Filemom (Fl 1, 5, 7, 17, 20). A carta foi escrita a Filemom para que a igreja de sua casa também fosse lugar de carinho para Onésimo, “o filho” espiritual de Paulo. Segundo a lei romana, um escravo fugitivo merecia a morte.⁹ O

apóstolo, fazendo jogo de palavras, disse a Filemom que Onésimo (que significa útil) era alguém que, “antes, te foi inútil, atualmente, porém, é útil, a ti e a mim” (Fl 11). Paulo considerava Onésimo fiel e amado irmão (Cl 4:9), razão pela qual pede que fosse recebido, não como escravo, mas como “irmão caríssimo” (Fl 16, 17). Era esse o nível da amizade cristã (*koinonia*) e a principal causa da evangelização que resultou na igreja de Colossos.

Companheiros de prisão

Por três vezes, Paulo usa a expressão “companheiro de prisão” ou “prisioneiro comigo”. É assim que se refere a Epafro, Aristarco, Andrônico e Júnias (Fl 23, 24; Cl 4:10; Rm 16:7). Epafro é uma contração do nome Epafrodito e significa “simpático”. Realmente, ele usou simpatia e serviço de amor na fundação da igreja de Colossos (Cl 1:7; 4:12). Levou informações dessa igreja a Paulo com quem compartilhou a prisão (Fl 23).

Paulo também menciona Aristarco, como colaborador. Aristarco aparece enviando saudações à igreja de Colossos, e ali Paulo se refere a ele como “prisioneiro comigo” (Cl 4:10). Sendo romano, Paulo podia ser acompanhado por um médico e um servo. Talvez, por isso, dois companheiros cristãos – Lucas (médico) e Aristarco (servo exemplar) – aliviaram sua dura sorte como prisioneiro durante a viagem a Roma.¹⁰

Lucas registra que Gaio e Aristarco eram companheiros de viagem de Paulo (At 19:29). Aristarco participou das viagens de Paulo, esteve presente no tumulto de Éfeso (At 19:29), na Macedônia e Grécia (At 20:4), e permaneceu junto a ele durante sua primeira prisão em Roma. É-nos dito que “foi por vontade própria que Aristarco partilhou da prisão de Paulo, a fim de poder confortá-lo em suas aflições”.¹¹ Esses homens leais até as últimas consequências potencializavam o trabalho evangelístico do apóstolo.

Outra referência aos companheiros de prisão está ligada a Andrônico

e Júnias (Rm 16:7). Paulo apresenta esse casal como “muito estimado entre os apóstolos”. O termo grego contém a ideia de que são pessoas “que levam um sinal”. Paulo acrescenta: “meus parentes... e estavam em Cristo antes de mim”. O parentesco e companheirismo cristãos resultaram em um apostolado frutífero reconhecido pela igreja. Os apóstolos eram missionários que estabeleciam novas igrejas ou ministérios e guiavam essas novas tarefas em suas etapas fundamentais.¹² Esses apóstolos estavam “em Cristo” antes de Paulo. Podemos deduzir que bem poderiam ter sido alguns dos fundadores das “igrejas nas casas” em Roma. Possivelmente, esse casal oferecia a casa para que nela funcionasse uma igreja.

Ao se referir a Júnias como notável “entre os apóstolos”, Paulo lhe atribui a mesma autoridade de seu esposo e dos outros apóstolos, incluindo ele mesmo. Clemente de Alexandria dizia que as esposas dos apóstolos os acompanhavam como co-ministras.¹³ Semelhantemente a Áquila e Priscila, esse casal abria igrejas onde quer que fosse. Eram os grupos familiares de homens e mulheres que compunham a equipe de evangelização de Paulo, e que tanto fizeram para a evangelização durante o primeiro século.

Saudações e *koinonia*

As cartas de Paulo estão cheias de saudações para os colaboradores que se encontravam nas igrejas destinatárias das cartas (Rm 16:3-16; 1Co 16:20; 2Co 13:12; Fp 4:21). Ele manifestava especial interesse em criar laços de amizade que uniam as diferentes comunidades cristãs. Isso era muito importante para a evangelização de novos lugares e para confirmar igrejas e irmãos que, por diversos motivos, tinham bastante mobilidade.

Diante do trabalho que o apóstolo pensava realizar na Espanha (Rm 15:24, 28), é notável ver que a lista de saudações aos romanos é a maior de todas. Nela, estão incluídos amigos,

familiares e laís companheiros que potencializariam suas forças para a evangelização de Roma e Espanha.

A igreja na casa de Áquila e Priscila era um dos lugares em que os cristãos de Roma se reuniam (Rm 1:7). Ali se manifestavam “as relações familiares do reino”.¹⁴ Naquele lar-igreja, possivelmente, se reunisse “o clã dos Prisci” da nobreza romana, familiares de Priscila.¹⁵ A mobilidade e os recursos de Áquila e Priscila lhes permitiram patrocinar igrejas domésticas em vários lugares como Éfeso, Corinto e Roma.¹⁶ As igrejas-casas eram grupos fraternos que potencializavam os laços familiares e transmitiam as boas-novas do Messias para a salvação do mundo.

Paulo era defensor da *koinonia* entre as igrejas, especialmente entre gentios e judeus, tanto que arrecadou uma oferta entre os gentios, para as igrejas da Judeia e a chamou de *koinonia*. A palavra “oferta” (Rm 15:26), originalmente é *koinonia*. Além disso, era comum o envio de saudações para os líderes das igrejas-casas das diversas cidades.

É-nos dito que, no primeiro século, “as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número” (At 16:5). Nisto residia o poder da evangelização da igreja primitiva: na abertura diária de novas igrejas-casas e no companheirismo natural dos grupos familiares. Segundo Peter Wagner, “o método mais efetivo de evangelização debaixo do Céu, é o estabelecimento de novas igrejas”.¹⁷ A igreja de Roma e outras mencionadas no Novo Testamento se referem a toda comunidade heterogênea de cristãos de um lugar, agrupados em igrejas-casas homogêneas, especialmente de duas grandes etnias: judeus e gentios.

Nessas igrejas-casas de grupos homogêneos, “as relações familiares do reino” bem como a abertura de novas igrejas aconteciam naturalmente. Paulo aconselhou os cristãos romanos: “Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram” (Rm 12:15). Isso se cumpria nos pe-

quenos grupos. Porém, Paulo também lutou para que não houvesse antagonismo entre os diferentes grupos étnicos. Ele propiciava a *koinonia* da igreja universal com a repetição de seu chamado à unidade, usando a marca distintiva “uns aos outros”.

Igrejas-casas em Corinto

Tudo indica que houve uma igreja na casa de Áquila e Priscila, em Corinto (At 18:1-4). Pelo menos, Paulo se hospedou com eles e trabalhavam juntos, enquanto evangelizavam Corinto. Escrevendo a carta aos romanos, ele afirmou que todas as igrejas dos gentios e ele agradeciam a Áquila e Priscila, porque estes expuseram a vida para salvá-lo, estabelecendo em sua casa um espaço de carinho no qual uma congregação se reunia regularmente (Rm 16:4).

A maioria das igrejas da Grécia era composta de gentios, e Paulo transmitiu aos romanos as saudações de Gaio e de “todas as igrejas de Cristo” (Rm 16:16, 23). O carinho natural nas relações familiares do reino foi notado quando Paulo solicitou cuidado especial pela irmã Febe, diaconisa da igreja de Cencreia (Rm 16:1). Febe tinha sido protetora ou defensora do povo, havia ajudado muitas pessoas e ao próprio Paulo (Rm 16:2), destacando-se como hospitaleira.¹⁸ Possivelmente, na casa dela também funcionasse uma igreja. O efeito evangelizador do amor cristão deve se expandir. Para isso, devemos responder com mais carinho ao afeto cristão que recebemos; e até mesmo devolver com o bem o mal recebido (Rm 12:21).

Os judeus da sinagoga de Corinto rejeitaram o evangelho de Paulo, forçando-o a ir à casa de um gentio “chamado Tício Justo”, resultando na conversão de Crispo (At 18:8). Possivelmente, nas casas de Justo e Crispo também funcionassem igrejas. Havia também a família de Estéfanos (1Co 16:15, 16). O apóstolo pediu aos coríntios que aceitassem a liderança dessa família, porque ela era dedicada ao serviço dos santos. Seguramente, a casa de Estéfanos também serviu

como lugar de reuniões. A importância dada por Paulo aos que trabalhavam liderando igrejas-casas e o contexto bíblico (1Co 16; Rm 16:19) confirmam essa possibilidade. Paulo ficou em Corinto por um ano e meio (At 18:4-11), dando origem à igreja local, seguramente agrupada em casas como as de Áquila e Priscila, Gaio, Febe, Justo, Crispo e Estéfanos.

De vez em quando, toda a igreja se reunia em um lugar (1Co 11:20; 14:23), a fim de potencializar a *koinonia* dos cristãos de Corinto. Possivelmente, faziam isso na casa de Gaio (Rm 16:23). Nas igrejas-casas, ministrava-se o cuidado mútuo dos membros, como se fossem uma família ou um corpo (1Co 12:24-26).

Portanto, não há dúvida de que o verdadeiro companheirismo leva à valorização de todos os grupos humanos e ao cumprimento da missão em cada um desses grupos. Dos escritos de Paulo, chegamos à conclusão de que o afeto cristão da igreja primitiva a distinguiu de outras comunidades do primeiro século. E ainda hoje, a sobrevivência espiritual dos novos crentes muito depende do carinho recebido por eles nas igrejas e nos pequenos grupos. Se faltar o afeto, morrerá a igreja; porque também morrerá a evangelização ensinada pelo Senhor. ■

Referências:

- ¹ Barret, *World Christian Encyclopedia*, v. 4.
- ² Hemphill, *El Modelo de Antioquia*, p. 104.
- ³ *Ibid.*, p. 113-128.
- ⁴ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 48.
- ⁵ *Ibid.*, p. 113.
- ⁶ Francis D. Nichol, *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia*, v. 6, p. 235.
- ⁷ Manuel De Tuya, *Bíblia Comentada* (Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964), p. 1221.
- ⁸ Francis D. Nichol, *Op. Cit.*, v. 7, p. 390, 391.
- ⁹ *Ibid.*, p. 390.
- ¹⁰ *Ibid.*, v. 6, p. 439.
- ¹¹ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 440.
- ¹² Robert Clinton, *Spiritual Gifts* (Alberta, Canadá: Horison House Publishers, 1985), p. 75.
- ¹³ Richard Baukham, *Gospel Women* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2002), p. 215, 217.
- ¹⁴ Hemphill, *Op. Cit.*, p. 104.
- ¹⁵ Francis D. Nichol, *Op. Cit.*, v. 6, p. 355.
- ¹⁶ Gordon Fee, *Primeira Epístola a los Coríntios* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1994), p. 946, 947.
- ¹⁷ C. Peter Wagner, *Plantando Iglesias Para una Mayor Cosecha* (Miami, FL: Unlilt, 1997), p. 11.
- ¹⁸ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 570.



Professor no Seminário Teológico do Unasp, Engenheiro Coelho, SP

A igreja que atrai

Deus pode ser entendido somente quando é partilhado de um coração a outro pelas cordas invisíveis da amizade

Amizade não é apenas uma ferramenta para o crescimento da igreja. Ela é a mais profunda essência de tudo o que somos como igreja. Se desejamos realmente expandir o reino de Deus aqui na Terra, se quisermos que a igreja seja viva, experimente Deus e cresça de modo sadio e consistente, com membros que progridem rumo à maturidade em Jesus Cristo (Ef 4:10-18), precisamos vivenciar o poder da amizade calorosa e comprometida no trabalho pela salvação das pessoas.

Como nos será possível levar uma pessoa a se relacionar com Deus, se não utilizarmos o recurso da amizade? Como alguém poderá entender a lógica da ligação coração a coração com Deus, se não houver exemplo prático? Como poderá ser entendida a natureza da religião, se Cristo

não for visto, “cheio de graça e de verdade” (Jo 1:14), em nossos relacionamentos?

Jesus e a amizade

No conhecido Sermão da Montanha, Jesus deixou bem claro o foco de Seu ministério, enfatizando virtudes que fortalecem os relacionamentos (Mt 5:1-7:29). Ao longo dos evangelhos, Ele constantemente destacou a natureza da verdadeira religião: amor a Deus, a si mesmo e ao próximo, reconciliação, perdão, humildade, mansidão, fé, entre outras virtudes. Nesse sentido, Seu ensinamento foi claro: “Nisto conhecereis todos que sois Meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13:35). “A fim de que todos sejam um; e como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que Tu

Me enviaste” (Jo 17:21). Cristo sabia que o mundo seria atraído para Ele, pela unidade verificada entre Seus discípulos, bem como pelo amor mutuamente partilhado.

Somos ainda informados de que, em Seu ministério, Jesus “misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me.’” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143). Em outras palavras, Ele construía amizade com as pessoas com intenção de salvá-las. Fazia isso porque entendia que Deus somente pode ser entendido quando é partilhado de um coração a outro, pelas cordas invisíveis da amizade.

A igreja e as pessoas

Numa época em que a igreja era o

ponto central da sociedade, as pessoas se encontravam e construíam amizade a partir dos acontecimentos que nela ocorriam. Com o pós-guerra, a desestruturação dos valores pessoais, familiares e comunitários pela liberação sexual, a igreja foi perdendo seu espaço como centro dos acontecimentos sociais nas cidades. Mas, embora fosse descartada pelas pessoas, ela continuou se entendendo como autoridade e referência moral na comunidade.

Diante disso, cabe perguntar: Qual é a função da igreja, hoje, considerando-se que ela não mais é aceita pela função que teve no passado? Como a Igreja pode continuar crescendo, quando as pessoas estão cada vez menos ligadas com aquilo que ela significa? Como é possível atrair pessoas para Deus e Sua igreja, quando elas são cada vez mais impedidas para longe dEle, por meio das caricaturas e percepções distorcidas do que é a igreja? Como podemos ser relevantes para pessoas que vivem dos estereótipos de igreja criados pela sociedade?

Pensemos no que as pessoas estão procurando com maior intensidade hoje, numa sociedade em que a família se desintegra, com pais separados, filhos deixados num vazio relacional que marca a existência deles até a vida adulta.

Segundo o IBGE (dados de 2007), 250 mil casais se separam a cada ano, 250 mil famílias são desfeitas no mesmo período, deixando aproximadamente 300 a 500 mil crianças sem um dos pais. Um em cada quatro casamentos é desfeito, antes de completar dois anos. Em 93% das separações, os filhos ficam com a mãe, ocasionando o vazio da figura paterna que, segundo especialistas, é o vazio de significado e de propósito da vida e da estrutura emocional. A depressão, mal do nosso milênio, é resultado óbvio do vazio relacional deixado pela família; pois, o significado e propósito da vida estão intimamente ligados à relevância dos relacionamentos.

A amizade oferecida por aqueles que creem em Deus pode não preencher todo o vazio existente, mas é um bálsamo altamente procurado para curar feridas. Além da mensagem adventista com seus componentes de conforto e esperança, o maior fator de atração que temos para as pessoas é a amizade restauradora, comprometida, curadora.

"Uma das marcas de qualidade que mais evidenciam a saúde de uma igreja é o relacionamento marcado pelo amor"

Resposta à rebeldia

No grande conflito entre o bem e o mal, o inimigo tem induzido à rebeldia praticamente todos os setores da sociedade. Essa rebeldia contra Deus tem se organizado e alicerçado nos âmbitos científico, social, político e legal. A confusão de valores com a qual as pessoas precisam lidar diariamente alcançou níveis nunca imaginados. Para muitas pessoas, é difícil achar um caminho para encontrar o Deus verdadeiro, em meio a tanta confusão.

Nesse ponto, surgem perguntas: Como acreditar? Em quem acreditar? Como posso saber por onde devo andar? Que elementos tenho para crer que o caminho indicado é aquele que me conduz à salvação? Que subsídios tenho para me ajudar a decidir sobre questões tão importantes como a vida eterna? Diante do progresso da rebeldia e da minimização de figuras religiosas e autoridades eclesiais, em que posso me basear e colocar minha confiança?

Para tais indagações, não existe melhor resposta do que a amizade. As pessoas confiam em quem elas conhecem. Reconhecem como autoridade pessoas que estão acima de qualquer suspeita na percepção afetiva delas. Pessoas que demonstram ser dignas de confiança podem construir a ponte entre os sem-igreja e o Deus verdadeiro.

Falam as pesquisas

Pesquisa realizada pelo Núcleo de Missões e Crescimento de Igreja do Unasp, Numci, em 2009, na cidade de Campinas, São Paulo, revelou que mais de 85% das pessoas aceitam falar sobre Deus e receber instrução bíblica, se tiverem um relacionamento de confiança com o eventual instrutor.¹

Mas, existem outras pesquisas bastante reveladoras sobre o poder da amizade, tanto para conquistar pessoas para Cristo, como para mantê-las firmes na fé. Uma dessas, realizada por Gottfried Osterval,² mostra que de quatro mil pessoas pesquisadas,

57% se uniram à igreja e nela permaneceram por haver sido convidadas por amigos ou parentes, isto é, havia um relacionamento prévio de confiança. Para 67%, o primeiro contato com a igreja se deu por meio de parentes e amigos. Em seu livro *Pontes de Deus*, publicado em 1956, Donald McGavran descreveu os caminhos pelos quais as pessoas se tornam cristãs. O primeiro caminho descrito por ele é a amizade.

Como poderíamos esperar que fosse diferente? A amizade é o caminho de acesso aos recônditos mais sagrados do coração. Esse espaço não pode ser franqueado a quem não confiamos. O coração é território delicado em que simbolicamente se encontram todas as sensibilidades espirituais e emocionais, todos os nossos medos e inseguranças; é o lugar em que há confluência das nossas mais profundas alegrias e esperanças. De fato, ninguém abre o espaço do coração para correr o risco de que alguém tripudie sobre as mais profundas sensibilidades do ser.

Sendo a amizade a essência de tudo o que cremos e queremos ensinar para levar pessoas a Cristo, precisamos entender como podemos ser amigos mais eficientes. Nesse sentido, em uma pesquisa coordenada por Flavel Yeakley,³ foram feitas algumas descobertas:

Três grupos de 240 pessoas	Como foram abordados com a mensagem adventista	Resultados
1º Grupo	Monólogo manipulador. Método de pressão: forçar a pessoa, manipulando-a com a doutrina.	Dos que se uniram à igreja, 71% se afastaram antes de um ano.
2º Grupo	Transmissão de informação. Aqui está o evangelho; é pegar ou largar. Fiz minha obrigação com você.	Rejeição do evangelho por 84% das pessoas.
3º Grupo	Amizade. Foi utilizado diálogo criativo, envolvendo tolerância, alegria, compreensão e amor cristão.	94% se tornaram membros convictos e ativos na igreja.

As pessoas que ficaram ativamente na igreja foram conquistadas por meio da interação e amizade. Foram abordadas por missionários que realmente se interessaram e se importaram com elas. Consequentemente, esses missionários ganharam o direito de ser autoridades na vida dos novos conversos, ao levarem a sério os medos e preconceitos que eles tinham. Em nenhum momento foram desprezados por causa das convicções que tinham nem foram manipulados para aceitar a fé.

Aqui estão alguns depoimentos de pessoas atraídas a Cristo e à igreja por meio da amizade cristã:

“Entendi melhor a Bíblia, quando percebi que não era somente teoria. Diversas vezes, percebi que o instrutor estava interessado na minha vida.”

“João e Catarina me convidaram para almoçar na casa deles. Foi ali que tudo começou.”

“Quando fui à igreja, senti que os membros se preocupavam de fato com minha família. Eles nos visitavam e oravam conosco.”

“Quando Fernando, meu professor de Bíblia, me ajudou a encontrar meu atual emprego, eu estava numa fase em que não acreditava que alguém pudesse se importar comigo.”

“Senti que Sara e Keylin tiveram real interesse por mim.”

“Minha mente e meu coração se abriram para o que eles tinham a dizer, à medida que eu sentia que o interesse deles por mim era genuíno.”

“Eu estava estudando a Bíblia porque achei que era bom saber a vontade

de de Deus. Mas, eu a entendia como se fosse em preto e branco. Depois que Jéssica conseguiu uma vaga na escola adventista para mim, a verdade começou a ficar colorida e muito mais atrativa.”

Win Arn⁴ descobriu que, se os recém-convertidos encontrarem pelo menos sete bons amigos no primeiro ano depois de batizados e aceitos na igreja, eles provavelmente estarão envolvidos e ativos na congregação. Em contrapartida, a maioria dos que se afastam, no primeiro ano após o batismo, não tem nenhum amigo.

Christian Schwarz⁵ afirma que uma das marcas de qualidade que mais evidenciam a saúde de uma igreja é o relacionamento marcado pelo amor. Em outras palavras, uma igreja com essa característica cresce muito mais vigorosa e consistentemente. As pessoas vêm e permanecem com convicção e habilidade para partilhar esse amor com outras pessoas. Sjogren, Ping & Pollock afirmam que “de cada cinco amizades conduzidas com o propósito de levar pessoas a Cristo, com 80% de probabilidade, pelo menos uma vai resultar em batismo no primeiro ano e outra no segundo ano”.⁶

Fica evidente que a amizade contribui diretamente para o crescimento da igreja.

O fator emoção

Conforme o avanço da pós-modernidade, precisamos entender que as pessoas valorizam mais aquilo que sentem do que o que é racional. “Isso me parece certo”, dizem elas, funda-

mentadas numa intuição emocional. Falar a essa emoção, sem se esquecer de guiar a pessoa à compreensão racional a respeito de quem é Deus e do que é a igreja, é algo que precisamos aprender. Na mente das pessoas, o fator emocional acaba sendo o selo de garantia para avaliar a genuinidade do que estamos falando.

Em nossa época, as pessoas geralmente não estão preocupadas se o que estamos ensinando é a verdade. A preocupação delas é se o ensino é sentido como genuíno, certo, real e verdadeiro. Entender as pessoas no âmbito emocional em que elas se encontram e dar respostas que traduzam a leitura feita é a melhor forma de nos ligarmos a elas e levá-las a Deus. Entendê-las nesse nível significa se importar com elas, considerando relevante tudo o que se passe na vida delas.

Finalmente, não devemos esquecer que o cristão que oferece amizade redentora também é desafiado a crescer e ser beneficiado com o que está oferecendo. Existem amizades que são estabelecidas aqui na Terra e perdurarão por toda a eternidade.

“Os que se encerram em si mesmos, que são avessos a se desdobrar para beneficiar os outros mediante amigável convívio, perdem muitas bênçãos; pois mediante o contato mútuo as mentes são polidas e refinadas; por meio do intercâmbio social formam-se relacionamentos e amizades que dão em resultado certa unidade de coração e uma atmosfera de amor que agradam ao Céu” (Ellen G. White, *Mensagens aos Jovens*, p. 405). ▀

Referências:

¹ Berndt Wolter, *Perfil do Sem-Igreja na Cidade de Campinas* (Numci/UNASP-EC, 2009), material ainda não publicado.

² Gottfried Osterval, *Patterns of Seventh-day Adventist Church Growth in North America* (Berrien springs, MI: Andrews University Press, 1976).

³ Citado por Mark Finley, em *Amigos Para Sempre* (Numci, 2010).

⁴ Gottfried Osterval, *Op. Cit.*,

⁵ Christian Schwarz, *Desenvolvimento Natural da Igreja* (Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 1996), p. 44.

⁶ S. Sjogren, D. Ping & D. Pollock, *Irresistible Evangelism* (Loveland, CO: Group Publishing Inc. 2004), p. 107.



Nos passos de Jesus

“Sendo sociáveis e aproximando-se bem do povo pode-se mudar-lhes a direção dos pensamentos muito mais facilmente do que pelos discursos mais bem preparados”

Durante as viagens que faço pelo mundo apresentando seminários sobre ministério pessoal, frequentemente pergunto qual é o melhor método para levar pessoas ao batismo na Igreja Adventista do Sétimo Dia. É muito interessante notar que a maioria das respostas é: “por meio de amigos”. As estatísticas demonstram que aproximadamente 90% das pessoas que se unem à família de Deus foram atraídos por meio de relacionamentos familiares ou com amigos. De fato, na prática da evangelização, necessitamos do binômio fundamento bíblico e amizade. Por preceito e exemplo, Jesus demonstrou a eficácia da amizade em Seu ministério.

Ellen G. White escreveu que “unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 143).

Segredo do sucesso

Devemos estudar e aprender sobre o método de Jesus. Ele Se aproximava das pessoas, manifestava sincero desejo pelo bem-estar e atendia as necessidades delas. Isso é amizade. A prática desse método tornou possível para Ele a abertura de portas para o evangelismo. Neste artigo, vamos analisar como Jesus Cristo fez amigos, durante o tempo em que esteve na Terra.

“Misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem.” Em certa ocasião, Ele disse: “Vós sois o sal da Terra” (Mt 5:13). “O sal deve ser misturado com a substância em que é posto; é preciso que penetre a fim de conservar. Assim, é com o contato pessoal e a convivência que os homens são alcançados pelo poder salvador do evangelho” (Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo*, p. 36).

O método de Cristo mostra a necessidade de nos aproximarmos das pessoas. Mas, Ele não fez isso apenas por fazer. “Misturava-Se como uma pessoa que lhes desejava o bem”.

Alcançou homens e mulheres tendo em vista o bem que eles deviam experimentar. Eles estavam ao redor de Ele e representavam a prioridade máxima de Seu ministério. De que modo Ele fez isso? Buscou acesso ao coração deles “de maneira que os fazia sentir quão perfeita era Sua identificação com os interesses e a felicidade deles” (Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 55).

Uma forma de Jesus Se envolver com as pessoas era visitando-as em casa (Mc 2:1). Foi à casa de Pedro (Lc 4:38) e também não hesitou em ir à casa de Zaqueu (Lc 19:5). Quando foi convidado a uma festa de casamento (Jo 2:1, 2), Ele Se misturou com as pessoas e satisfez uma necessidade geral, ao transformar água em vinho. Jesus Se associava com as pessoas porque as amava e tinha sincero interesse nelas. Se estamos buscando razões para alcançar as pessoas que estão ao nosso redor, não precisamos ir longe. É por isso que Jesus veio a este mundo. Somos o item mais importante de Seu programa, não por causa de nosso *status* nem de nossas capacidades, mas porque somos valiosos em nós mesmos.

“A sociabilidade cristã é na verdade bem pouco cultivada pelo povo de Deus... Especialmente, os que provaram o amor de Cristo devem desenvolver aptidões sociais, pois dessa maneira podem ganhar pessoas para o Salvador” (Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, p. 172). “Sendo sociáveis e aproximando-se bem do povo, pode-se mudar-lhes a direção dos pensamentos muito mais facilmente do que pelos discursos mais bem preparados” (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 193).

“Manifestava simpatia por eles.” Simpatia significa “sentir junto”. Webster a define como “entrar em”, ou “habilidade para entrar” nos sentimentos, emoções e estado mental de uma pessoa. Esse termo está intimamente associado à compaixão que, por sua vez, é um sentimento ligado intimamente ao ministério de Jesus. Sabemos que Ele é o Senhor de toda compaixão. Diante do leproso que Lhe

suplicava cura, Ele ficou “profundamente compadecido” (Mc 1:41). Ao Se encontrar com a viúva de Naim, que pranteava o filho morto, “Se compadeceu dela” (Lc 7:13). Ao ver multidões atormentadas e desajudadas, “compadeceu-Se delas” (Mt 9:36). O simpático e compassivo coração de Cristo ansiava tornar homens e mulheres sadios e felizes.

“Ministrava-lhes às necessidades.” Dois discípulos de João Batista ouviram a respeito de Cristo e começaram a segui-Lo de longe. Voltando-Se para eles, o Mestre perguntou: “Que buscais?” (Jo 1:37, 38). Essa pergunta aparentemente simples é muito reveladora. Jesus começou a abordagem não com Sua agenda, mas com a deles. Começou o diálogo onde eles estavam e, gradualmente, os atraiu a Si.

Jesus Cristo sempre encontra as pessoas onde elas estão. Ministrava às necessidades delas. Empregava formas variadas de abordagem, ao encontrar os diferentes indivíduos no lugar em que eles estavam, com suas diversas necessidades: alimento físico (Mt 14:15-20), cura divina (Mt 14:14), sociabilização (Jo 2:1-5), segurança emocional (Jo 4:4-12) ou genuína espiritualidade (Jo 3:1, 2). “Durante Seu ministério, Jesus dedicou mais tempo a curar os enfermos do que a pregar. Seus milagres testificavam da veracidade de Suas palavras, de que não veio para destruir, mas para salvar” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 19).

“Ordenava então: ‘segue-Me’.” Em primeiro lugar, Cristo ministrava às necessidades de cada pessoa; então, desafiava: “Segue-Me!” Nesse ponto, é proveitoso distinguir entre necessidade sentida e necessidade suprema. Necessidade sentida é aquele tipo em que alguém percebe sua necessidade de ajuda. É uma necessidade percebida. Por exemplo, muitos trabalhadores oprimidos têm necessidade de aliviar o estresse. A necessidade sentida de um fumante é vencer o hábito de fumar.

Necessidade suprema é a necessidade máxima que temos, com o

passar do tempo. Cremos que a necessidade máxima de toda pessoa deste planeta é ter Deus na vida. A reconciliação com Deus é a suprema necessidade do homem. Diz Ellen G. White: “Muitos não têm fé em Deus e perderam a confiança no homem. Mas apreciam ver atos de simpatia e prestatividade. Ao verem alguém sem qualquer incentivo de louvor terrestre ou compensação aproximar-se de seus lares, ajudando os enfermos, alimentando os famintos, vestindo os nus, confortando os tristes e ternamente chamando a atenção para Aquele de cujo amor e piedade o obreiro humano é apenas mensageiro – ao verem isto, seu coração é tocado. Brota a gratidão, e fé é inspirada. Vem que Deus cuida deles, e ao ser Sua Palavra aberta, estão preparados para ouvi-la” (*Medicina e Salvação*, p. 247).

Devemos encontrar as pessoas onde elas estão. Esta é a estratégia divina: homens e mulheres com o senso de que são embaixadores de Cristo, motivados por Seu amor, para satisfazer as necessidades físicas, emocionais, mentais e espirituais das pessoas. Através de tudo isso, temos um grande objetivo; afinal, os objetivos de Cristo vão além do aspecto temporal. Ele não está interessado em apenas mitigar a fome de multidões com uma boa refeição. Deseja lhes dar o Pão da Vida. Como cristãos, tudo o que fazemos tem um supremo propósito: levar pessoas a Jesus Cristo.

Como levar amigos a Cristo

Seguindo o exemplo de Jesus. Nosso Mestre amou as pessoas e jamais deixou de ajudá-las. Ao ver uma grande multidão, Ele “compadeceu-Se dela e curou os seus enfermos” (Mt 14:14) e lhe proveu alimento (v. 16-20). Jesus era amistoso com todas as pessoas, inclusive as socialmente rejeitadas (Mc 2:15). Mostrou interesse em todos a quem encontrava e lhes oferecia ajuda espiritual. Podiam ser indivíduos de classe superior, como Nicodemos (Jo 3:1, 2), ou rejeitados, como a mulher samaritana (Jo 4:7). É-nos dito que Ele “ia de lugar

a lugar, para que os que se achavam nos caminhos e atalhos pudessem ouvir as palavras da verdade. Na praia, nas encostas das montanhas, nas ruas da cidade, nas sinagogas, Sua voz se fazia ouvir explicando as Escrituras” (*Obreiros Evangélicos*, p. 43).

Sendo amável com todos. Embora todos necessitem de amigos, poucos compreendem as qualidades básicas formadoras de amizade. Um verdadeiro amigo é alguém com quem partilhamos afeição, respeito e interesses mútuos. Os melhores amigos são aqueles que nos ajudam em tempos de dificuldades. Esse é o tipo de amigo que Cristo é; pronto para confortar qualquer pessoa em ocasiões de sofrimento. A amizade de Cristo nos privilegia com amor eterno, direção e revelação de Sua vontade para nossa vida. Ele deu a vida por nós. De fato, não existe no mundo maior expressão de amizade para conosco.

Se queremos conquistar pessoas para Cristo, devemos ser amáveis com elas. Sempre que você encontrar pessoas no ônibus, supermercado, na cidade, em qualquer lugar, seja amável: sorria para elas, cumprimenta-as, ofereça ajuda quando for necessário.

O princípio do amor é vital na amizade. Disse Jesus: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22:37-39).

Crie oportunidades para ajudar. “Não permitam que passe oportunidade alguma sem ser aproveitada. Visitem os doentes e sofredores, e manifestem-lhes bondoso interesse. Se possível, façam alguma coisa para os cercar de mais conforto. Poderão assim conquistar-lhes o coração, e dizer uma palavra em favor de Cristo. Somente a eternidade poderá revelar todo o alcance dessa atividade. Outros ramos de utilidade se abrirão perante os que estão dispostos a cumprir o dever que lhes fica mais perto” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 9, p. 36).

“Palavras bondosas, proferidas com simplicidade, pequenas atenções dispensadas sem ostentação, hão de afugentar as nuvens da tentação e dúvida que se adensam por sobre a pessoa. A verdadeira e sincera expressão de simpatia cristã transmitida com simplicidade tem poder para abrir a porta de corações que necessitam do simples e delicado toque do Espírito de Cristo” (Ibid., p. 30).

As oportunidades para ajudar outros a ir a Jesus estão sempre ao nosso redor. Tudo o que devemos fazer é nos manter atentos e orar, a fim de que possamos percebê-las e aproveitá-las.

Não espere; vá. “Não devemos esperar que as pessoas venham a nós; precisamos procurá-las onde estiverem. Quando a Palavra é pregada do púlpito, o trabalho apenas começou. Há multidões que nunca serão alcançadas pelo evangelho se ele não lhes for levado” (Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 121).

“Há muitos que não irão à igreja para ouvir a verdade sendo anunciada. Por meio de esforço pessoal em simplicidade e sabedoria, esses poderiam ser persuadidos a se dirigir à casa de Deus” (*Review and Herald*, junho de 1880).

Partilhe sua amizade. Comentando o exemplo de amizade que nos foi deixado por Jesus, Ellen G. White diz: “Vão a seus vizinhos e se aproximem deles, até que o coração deles seja aquecido por seu interesse e amor altruísta. Simpatizem com eles, orem por eles, fiquem atentos às oportunidades para lhes fazer o bem, sempre que seja possível, abram a Palavra de Deus a essas mentes escuras. Sejam vigilantes, como quem tem que prestar contas a Deus pelos seres humanos. Aproveitem ao máximo o privilégio que Deus lhes dá de trabalhar lado a lado com Ele em Sua vinha. Não deixem de falar a seus vizinhos e lhes mostrar toda bondade que esteja ao seu alcance, a fim de que por todos os meios possam salvar alguns” (*Review and Herald*, 13/03/1888).

Ela diz mais: “Devemos aproximar-nos das pessoas individualmente com simpatia semelhante à de Cristo e procurar despertar-lhes o interesse nas coisas da vida eterna. Os corações podem ser tão duros quanto o caminho batido e pode parecer uma tentativa inútil apresentar-lhes o Salvador; mas embora a lógica possa falhar em mover, e o argumento seja impotente para convencer, o amor de Cristo, revelado no ministério pessoal, pode abrandar o coração empedernido, de modo que a semente da verdade possa enraizar-se” (*Parábolas de Jesus*, p. 57).

“Cristo deve ser o seu texto. Não precisam insistir em assuntos doutrinários; falem da obra e sacrifício de Cristo. Exaltem Sua justiça, revelando na vida a Sua pureza” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 227).

“Sendo sociáveis e aproximando-nos bem do povo, poderemos mudar-lhes a direção dos pensamentos muito mais facilmente do que pelos discursos mais bem preparados. A apresentação de Cristo em família, no lar e em pequenas reuniões em casas particulares, é muitas vezes mais bem-sucedida em atrair pessoas para Jesus, do que sermões feitos ao ar livre, às multidões em movimento, ou mesmo em salões e igrejas” (*Obreiros Evangélicos*, p. 193).

“A obra de Cristo deve ser nosso exemplo. Ele andava continuamente fazendo o bem. No templo e nas sinagogas, nas ruas das cidades, nas praças e nas oficinas, na praia e na encosta dos montes, pregava o evangelho e curava os doentes. Sua vida foi de serviço desinteressado, e deve servir de modelo para nós. Seu terno e compassivo amor se constitui em uma censura ao egoísmo e à falta de sensibilidade” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 9, p. 31).

Cristo fez amizade com muitas pessoas, em todos os lugares por onde passou, realizando boas coisas para elas. À medida que fizermos amizade com as pessoas, muitas delas aprenderão a confiar em nós; então, podemos conduzi-las a Cristo. ▀



Reação em cadeia

Partilhar a fé por meio do relacionamento sempre foi e ainda é a maneira mais efetiva de disseminar o evangelho

Logo no início do meu pastorado, conheci o poder do evangelismo relacional. A experiência ocorreu na primeira igreja que pastoreei, assim que saí do seminário. No mês de julho daquele ano, Jane veio da Califórnia para visitar sua irmã Laura, em nossa cidade. Antes de voltar para a Califórnia, ela me pediu que visitasse a irmã, pois havia percebido que ela era receptiva ao evangelho. De fato, Laura se tornou a interessada ideal.



Certo dia, fui com Sally visitar Laura. Imediatamente, começamos dois estudos bíblicos. Sally estudava com Laura e sua filha Kim, no pavimento superior da casa. Enquanto isso, no inferior, eu estudava com a outra filha, Sue, e o esposo dela, Ty. Laura e Kim foram batizadas em menos de dois meses. Mesmo durante os estudos, elas tinham começado a partilhar Jesus com o filho, Charles, que foi batizado meses depois do batismo da mãe e da irmã.

Depois, Laura iniciou um pequeno grupo em sua casa e convidou uma vizinha, Dee. Algumas reuniões depois, Dee convidou o esposo, Ken, e umas duas semanas mais tarde, convidou Terry. Os três foram batizados seis meses depois de Laura. Enquanto Laura e Dee partilhavam a fé, Sue e Ty convidaram os amigos Jerry e Edger para estudar a Bíblia. Todos eles foram batizados cerca de um ano depois.

Esse é o poder do relacionamento. É isso o que a Bíblia chama de “evangelismo *oikos*”, que é mais bem traduzido como evangelismo doméstico, de amizade, ou em cadeia. Esse é o poder do convite; o poder de partilhar a fé com nossos filhos, amigos, familiares, vizinhos e colegas de trabalho.

Imagine o que acontecerá quando alguém partilhar a fé com familiares e amigos! Sei que o mundo será um lugar melhor, por causa de nossa fidelidade em levar a sério a aventura de testemunhar. Imagine filhos, filhas, mães e pais no reino de Deus, alegrando-se com Jesus por toda a eternidade, porque alguém levou a sério a missão! Imagine alguém se aproximando de você e dizendo: “Estou aqui por sua causa!”

O que aconteceu com Sally, Laura e eu foi a demonstração do modelo bíblico de partilhar o evangelho. A Bíblia está cheia de relatos de pessoas levando seus queridos a Jesus. O Evangelho de João fala da história de André, um dos primeiros discípulos, levando seu irmão Pedro a Jesus (Jo 1:41). Então, no mesmo capítulo, lemos sobre Filipe encontrando seu

amigo Natanael, e lhe apresentando o evangelho que o levou a se tornar também seguidor do Messias. Leia o relato: “Ele achou primeiro o seu próprio irmão, Simão, a quem disse: Achamos o Messias (que quer dizer Cristo)... Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José” (Jo 1:41, 45).

“O Senhor deseja que a comunidade de crentes faça diferença no mundo, partilhando a fé e o amor”

Essa história é repetida nos evangelhos e no livro de Atos. Quando Paulo e Silas foram libertados da prisão em Filipos, eles transmitiram a Palavra de Deus ao carcereiro e a todos de sua casa. O resultado foi que naquele mesmo instante o carcereiro lavou as feridas dos dois prisioneiros, aceitou Cristo e toda a família foi batizada. Levando-os para casa, comeram e se alegraram, tendo crido em Deus (At 16:30-34). Tendo recebido o evangelho que lhe foi apresentado por Paulo e Silas, o carcereiro foi compelido a partilhá-lo com seus queridos. O evangelho é uma boa-nova tão maravilhosa que deve ser partilhada. Quando compreendemos isso, os obstáculos pouco representam; quando experimentamos a alegria da salvação, nossa tendência natural é partilhá-la com os que estão mais perto de nós.

Notemos como Jesus usou os princípios do “evangelismo *oikos*”. Depois de ter curado o endemoninhado, disse-lhe: “Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti” (Mc 5:19). Ele sabia que o testemunho mais efetivo é a demonstração natural de uma vida transformada àqueles a quem amamos e em quem confiamos.

Em outra ocasião, Jesus viu Levi, filho de Alfeu, sentado em frente à

coletoria de impostos, o convidou para segui-Lo e Levi prontamente O atendeu. Aqui está algo interessante: ao convidar Jesus para jantar em sua casa, Levi também convidou outros coletores para que ouvissem Jesus. O resultado foi que muitos daqueles se tornaram seguidores do Mestre (Mc 2:14, 15). Quando Jesus curou o filho do oficial do rei, este e toda a sua casa creram (Jo 4:53).

Quando uma vida é afetada pela vida de Jesus, essa vida e a dos que lhe estão próximos é transformada. Quando as pessoas veem como Jesus transformou nossa vida, a de nossos familiares, amigos e de todos os que fazem parte do nosso círculo de influência, observarão a mudança e também desejarão experimentar-la. Esse desejo as fará buscar a transformação e nos dará oportunidade de partilhar o evangelho.

Essa maneira natural de partilhar Jesus com familiares e amigos é chamada *oikos*, ou cadeia de relacionamentos. *Oikos* é efetivo porque é natural e opera sob dois grandes pressupostos. O primeiro é que, quando experimentamos Jesus e Sua alegria, seremos compelidos a partilhá-Lo. Segundo, quando nossos queridos virem nossa transformação, também a buscarão e se tornarão mais inclinados a experimentar-la. Tudo isso é feito de modo muito natural e em um ambiente de amor e aceitação.

Na Bíblia

Partilhar a fé através do relacionamento foi e ainda é a maneira mais efetiva de disseminar o evangelho. No Antigo Testamento, Deus pretendia que Israel fosse o agente proclamador de Sua salvação para o mundo. Israel devia ser a luz através da qual o mundo seria abençoado. O impacto planejado por Deus para ser exercido por Israel não seria cumprido por uma personalidade carismática, mas pela influência de uma família amorosa. “Lá, comereis perante o Senhor, vosso Deus, e vos alegrarei em tudo o que fizerdes, vós e as vossas casas, no que vos tiver abençoado o Senhor, vosso Deus” (Dt 12:7).

O Senhor nos criou para vivermos em comunidade, porque necessitamos uns dos outros. Ele deseja que essa comunidade de crentes faça diferença no mundo, partilhando a fé e o amor.

No Novo Testamento, temos algumas indicações que o relacionamento é o método preferido por Deus para pregar o evangelho. A encarnação é a grande prova disso. Jesus veio ao mundo como ser humano, vivendo, ensinando e morrendo como um de nós. Da leitura do Novo Testamento, especialmente nos evangelhos e no livro de Atos, também está claro que o relacionamento desempenha importante papel no ato de conduzir pessoas a Jesus.

Método mais efetivo

Pesquisas mostram que a maioria das pessoas aceita Cristo e se une à igreja através do relacionamento. Esse método não é importante apenas para levar pessoas ao Senhor, mas em conservá-las na igreja. Necessitamos de um grupo de apoio que nos anime, ore por nós e se comprometa conosco no sentido de promover um ambiente de crescimento, saúde e vitalidade espiritual.

De acordo com Win Arn, a menos que o novo crente conquiste entre sete e onze amigos nos primeiros seis meses, após a conversão, a possibilidade de ele deixar a igreja é muito grande. Mas, aqueles que desenvolvem um mínimo de sete relacionamentos e se sentem à vontade na igreja têm grande possibilidade de permanecer. De fato, ele diz que, entre aqueles que desenvolvem mais de onze amigos, o percentual de permanência na igreja é de quase 100%.¹ Dessas conclusões, está claro que, quanto mais amigos o novo converso tiver, maior será a probabilidade de que ele permaneça na igreja.

Aqui estão algumas importantes razões pelas quais *oikos* é o modo mais efetivo de partilhar o evangelho:²

Ambiente natural para testemunhar. Para Laura, Dee, Sue e Ty,

foi muito natural partilhar a fé com amigos e parentes. Eles estavam sempre juntos, em refeições ou momentos de lazer. Portanto, era natural partilhar mutuamente o amor de Deus. André levou Pedro a Cristo. Temos o privilégio de conduzir nossos irmãos, pais, filhos, amigos e vizinhos a Cristo.

Receptividade dos membros.

Constantemente, ouço que somos mais efetivos com estranhos do que com nossa própria família. Isso não é verdade. A Bíblia está cheia de exemplos de familiares que levaram outros familiares a Jesus. Além de André e Pedro, temos Filipe apresentando Natanael a Cristo. O carcereiro de Filipos levando toda a sua casa a Jesus, e a lista continua. Quando as pessoas ao nosso redor percebem nossa transformação, elas serão atraídas ao Deus a quem adoramos.

Testemunho sem pressões. Como podemos ver nos exemplos citados, não existe pressão para batizar alguém em pouco tempo. Há um processo natural que toma lugar, com o passar do tempo, num contexto de amor e aceitação.

Apoio ao neófito. A maior razão pela qual as pessoas deixam a igreja é que não encontram um grupo de apoio para orar em favor delas, discipliná-las e animá-las constantemente. Porém, quando são levadas ao Senhor por um amigo confiável, elas já têm, nesse amigo, um pastor.

Melhor assimilação do neófito na igreja. O evangelismo *oikos* é um meio de assimilar as pessoas na vida da igreja. Todos os eruditos em crescimento de igreja concordam em que a assimilação é uma das tarefas mais difíceis do evangelismo. Sempre necessitamos de um grupo de aceitação na igreja. No caso do evangelismo *oikos*, isso acontece naturalmente. Chegamos ao Senhor e nele permanecemos, através de relacionamentos. Semelhantemente, somos dis-

ciplados, animados e nutridos por meio de relacionamentos.

Alcance de toda a família. Vemos isso na Bíblia. Quando alguém aceita Jesus Cristo como Salvador e Senhor, frequentemente, essa pessoa acaba conquistando toda a família. Isso também foi verdade no exemplo de Laura e Sally. Evangelismo *oikos* é muito poderoso; é capaz de levar famílias inteiras a Jesus.

Ampliação das fontes de contatos. Esse tipo de evangelismo é uma espécie de reação em cadeia, cuja influência e efetividade não têm limites.

Em uma reunião evangelística que dirigi, recebemos Sandra com sua filha de sete anos. Ela conhecia pouca coisa sobre a Bíblia e o cristianismo. Mas, o Espírito Santo a impressionou para ir à reunião e ela gostou do que ouviu. No fim da campanha, Sandra pediu o batismo. Sempre tive o hábito de providenciar um convite especial para que os batizando entregassem a familiares e amigos. Aliás, o batismo é uma oportunidade evangelística. Quem vai assisti-lo pode se tornar um interessado com quem a igreja pode trabalhar.

Sandra levou 50 convites, e um dos convidados era seu pai. Ele tinha pouco interesse no cristianismo, mas aceitou ir ao batismo em apoio à filha. Depois da programação, realizamos um encontro de confraternização, e o pai de Sandra se sentou ao lado de um piedoso membro de nossa igreja. Ambos conversaram muito, fizeram amizade, descobriram que a pescaria era um *hobby* comum aos dois e combinaram pescar juntos no domingo seguinte. Três meses depois, tive o privilégio de batizar o pai de Sandra. O evangelismo *oikos* aumenta a possibilidade de contatos com futuros novos crentes. ▀

Referências:

¹ Charles Win Arn, *The Master's Plan for Making Disciples* (Pasadena, CA: Church Growth, 1982), p. 43.

² _____, *How to Reach the Unchurched Families in Your Community* (Monrovia, CA: Church Growth, s/d) p. 45-53.



Pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia Nova Semente, São Paulo, SP

Em busca de amigos

Apesar da importância, do alcance e dos resultados de métodos massivos, nada supera o contato pessoal

Vivemos um momento único na história ocidental. Presenciamos o surgimento de um novo mundo. Uma profunda mudança de paradigma ocorre ao nosso redor: a mudança sociocultural do até então conhecido território da modernidade para a desconhecida condição pós-moderna. Como resultado, cada vez mais a fé cristã e a igreja deixam de ser fundamentais para a vida das pessoas, não mais exercendo a influência que possuíam séculos atrás. Esse processo é chamado de secularização, e se caracteriza como uma gradual mudança na cosmovisão ocidental desde o Renascimento até nossos dias.¹

Realidade do secularismo

Em primeiro lugar, creio ser importante definir a palavra “secular”. Segundo um dicionário, secular é alguém “que vive no século, no mundo; que não fez votos religiosos...

Leigo, temporal... Próprio do século, que não cabe à igreja: interesses seculares. Indivíduo leigo, que não está sujeito às ordens religiosas”.² Podemos, então, incluir todas as pessoas não religiosas dentro dessa definição? Sim e não. Individualmente falando, apesar de não terem ligação nenhuma com a religião institucionalizada, existem diversos níveis de “secularização” entre as pessoas.

Alguns mencionam a existência do secular “moderado” ou do “ferrenho”.³ Thom Rainer, no entanto, sugere a existência daquilo que ele chama de “Escala Rainer de estágios de fé”. Essa escala identifica, em cinco níveis diferentes, a receptividade das pessoas quanto à experiência religiosa: (1) As altamente receptivas a ouvir e crer no evangelho; (2) as receptivas ao evangelho e à igreja; (3) as neutras, sem claros sinais de interesse e, talvez, abertas à discussão; (4) as resistentes ao evangelho,

porém sem antagonismo, e (5) as altamente antagonistas, ao ponto de se tornarem hostis.⁴ No entanto, é importante compreender que, em cada um desses níveis, encontramos pessoas seculares: algumas são mais abertas, outras mais fechadas a Deus e à religião.

Portanto, do ponto de vista evangelístico, podemos definir a pessoa secular como aquela que não considera a religião fundamental em sua vida nem é influenciada, em maior ou menor extensão, pela fé cristã. Dependendo do nível de secularismo, precisamos de métodos diferentes para alcançar pessoas seculares para Cristo. Mas, independentemente da situação, podemos usar os princípios extraídos do método de Cristo, para fazer amigos na comunidade secular.

A estratégia de Jesus

Ellen G. White mostra os diversos passos da metodologia de Jesus

Cristo para alcançar pessoas: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me.’”⁵

Facilmente empregamos nosso tempo, energia e recursos em sofisticados métodos de evangelismo, e muitas vezes nos esquecemos, ou passamos por cima, da simplicidade da abordagem de Jesus Cristo. Sua estratégia girava em torno de pessoas. Sua abordagem era feita através de relacionamentos de amor.

Apesar da importância, do alcance e resultados de métodos massivos, nada substitui o contato pessoal. Pense comigo: Após ser alcançado pela mensagem do evangelho, independentemente do método, o novo converso precisa frequentar uma comunidade. Quais serão, de fato, os resultados do método de alcance, se a igreja não praticar o método de Cristo?

Se acreditamos ser esse o método de sucesso para alcançar qualquer pessoa, é o caso de pensarmos: Como Cristo agiria em nossos dias, no intuito de alcançar pessoas guiadas pelos mais diversos níveis de secularismo? Arrisco a dizer: Da mesma forma que Ele agiu, mais de dois mil anos atrás.

Misturando-se

Uma das principais características da vida contemporânea é aglomeração e, ao mesmo tempo, alienação e solidão. Essa é uma triste realidade da vida urbana nas grandes metrópoles do mundo. As pessoas vivem cada vez mais perto, mas, ao mesmo tempo, mais distantes umas das outras.

No início de 2006, Joyce foi encontrada morta em seu apartamento, num subúrbio de Londres.⁶ Isso não teria nenhum aspecto de maior relevância, não fosse o fato de que ela foi encontrada sozinha na sala de estar do apartamento, com a TV e o aquecimento ligados... dois anos após sua

morte! Joyce não era uma velhinha, mas uma mulher de apenas 40 anos, que morreu em total solidão, sem que ninguém tivesse sentido sua falta.

Certo dia, Cristo disse aos discípulos: “Vós sois o sal da Terra” (Mt 5:13). Mas, o real valor do sal só é apreciado quando misturado com o alimento. Ellen White usa o termo “misturar” ao ilustrar esse ponto: “O sal deve ser misturado com a substância em que é posto; é preciso que penetre a fim de conservar. Assim é com o contato pessoal e a convivência que os homens são alcançados pelo poder salvador do evangelho. Não são salvos em massa, mas como indivíduos. A influência pessoal é um poder. Cumpram-nos chegar-nos àqueles a quem desejamos beneficiar.”⁷

“O desenvolvimento de confiança é primordial em nossa tentativa de atrair pessoas a Cristo”

Uma das grandes necessidades do mundo é o contato social que Jesus exemplificou. Ele Se importava com as pessoas. Se pretendemos ganhar nossos amigos seculares para Cristo, não há melhor modelo a imitar. Precisamos buscar oportunidades para ser sal entre as pessoas. Nesse sentido, aqui estão algumas sugestões: Inclua amigos seculares em atividades sociais que você normalmente faria com “irmãos da igreja”. Por exemplo, convide-os para uma refeição em sua casa, pratique algum esporte com eles, desenvolva interesses que o levem a ter maior contato com amigos seculares, seja estratégico, até mesmo em relação ao local em que você habitualmente faz compras.⁸ Aproveitando ao máximo cada oportunidade para se misturar com esses amigos.

Simpatia e compaixão

Além de Se misturar com as pessoas, Cristo também demonstrava simpatia para com elas. A palavra “simpatia” é derivada do grego *sum-*

pátheia que, por sua vez, é originada de duas raízes: *sun* (juntos) e *páthos* (sentimento). Portanto, a palavra significa literalmente “sentir com alguém”. Um termo que está intimamente ligado a simpatia é compaixão.

Nos evangelhos, encontramos Jesus demonstrando, na prática, simpatia e compaixão para com as pessoas. Ao contemplar as multidões que vinham a Ele, “teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas” (Mt 9:36). Ao perceber o sofrimento físico que muitos enfrentavam, “possuído de íntima compaixão” (Mt 14:14) curou muitos deles. Tendo diante de Si um leproso, “cheio de compaixão... tocou nele” (Mc 1:41) e o purificou. Jesus verdadeiramente demonstrava simpatia, ternura e compaixão pelas pessoas. Por essa razão, Ele era irresistível...

Em uma sociedade que se torna cada vez mais impessoal e alienada,⁹ precisamos ouvir atentamente a orientação do Senhor, no sentido de expressar simpatia por amigos seculares que invariavelmente temos ao nosso redor. “Devemos nos aproximar das pessoas individualmente com simpatia semelhante à de Cristo e procurar despertar-lhes o interesse nas coisas da vida eterna... Embora a lógica possa falhar em mover, e o argumento seja impotente para convencer, o amor de Cristo, revelado no ministério pessoal, pode abrandar o coração empedernido...”¹⁰

O que cada ser humano busca é ser amado, e se, como cristãos, não formos capazes de expressar amor e compaixão, onde as pessoas os encontrarão? “A verdadeira compaixão entre o homem e seus semelhantes, deve ser o sinal que distingue os que amam e temem a Deus, dos que são indiferentes quanto a Sua lei.”¹¹

Ministrando às necessidades

Outro fator fundamental na metodologia de Cristo era o modo pelo qual, com sabedoria, Ele ministrava às necessidades das pessoas. Nesse

ponto, pelo menos três aspectos são fundamentais.

Em primeiro lugar, precisamos demonstrar real interesse, através de uma atitude de aceitação incondicional. *Aceitar* não significa *aprovar* qualquer tipo de comportamento contrário às nossas crenças. Porém, se queremos que nossos amigos seculares aceitem a Cristo, precisamos demonstrar respeito a eles. Aceite-os como são. Não tente mudá-los. Esse trabalho pertence a Deus.

Em seguida, é essencial compreender qual é a necessidade daqueles que pretendemos alcançar para Cristo. Nosso papel não é “julgar” as pessoas, mas compreendê-las, apreciar e demonstrar interesse em seus sentimentos e dificuldades, no intuito de ministrar às necessidades delas.¹² Lembre-se: quanto mais você conhecer a comunidade secular, mais você saberá discernir suas necessidades reais. Ouça com atenção o que ela diz.¹³

Finalmente, devemos buscar oportunidades para compartilhar a fé que vivemos, como alternativa viável que poderá, de alguma forma, preencher o vazio do coração.

Ganhando a confiança

Uma triste característica de nossos dias é a desconfiança, consequência do individualismo que reina no século 21. Na verdade, essa é a causa da grande maioria dos problemas de relacionamento interpessoal. Por isso, o desenvolvimento de confiança é primordial em nossa tentativa de atrair pessoas a Cristo. Aqui, novamente, o exemplo de Jesus fala mais alto. Ele naturalmente ganhava a confiança das pessoas. Após a decisão de se misturar com amigos seculares, demonstrar-lhes simpatia e ministrar-lhes às necessidades, você se tornará um amigo para essas pessoas. Elas confiarão em você. Mas, alguns cuidados precisam ser tomados.

Ao nos aproximarmos de pessoas seculares, elas precisam sentir que temos as melhores intenções possíveis para com elas, e não estamos

nos aproximando com uma agenda escondida. Precisamos verdadeiramente demonstrar que temos interesse por elas, que elas são importantes para nós, antes mesmos de lhes apresentar as verdades bíblicas. “Tornem evidente para elas que vocês são cristãos, desejando paz, e que as amam. Vejam elas que vocês são conscienciosos. Assim lhes ganharão a confiança; e haverá tempo suficiente para as doutrinas.”¹⁴

Outro aspecto é nosso desejo de manter amizade com elas, independentemente da decisão que tomarem – favorável ou não – pela igreja ou pelo batismo. Infelizmente, muitos são “vítimas” dessa situação. Assim que o “amigo cristão” percebe que a decisão por Cristo não poderá ser tomada facilmente, a tendência é deixar a amizade de lado em busca de outras pessoas. Esse não é o melhor caminho a ser seguido.

Mas, acima de tudo, ao nos aproximarmos de pessoas seculares, devemos praticar o que pregamos e ensinamos. Vale a pena refletirmos se nossa ortodoxia é traduzida em nossa ortopraxis.¹⁵ Ellen White aponta para a mesma realidade: “Nossa influência sobre outros não depende tanto do que dizemos, mas do que somos.”¹⁶ Pessoas seculares terão confiança em você, quando perceberem que sua vida é coerente com suas palavras. Cristo conquistava a confiança das pessoas, porque a vida dEle demonstrava claramente o que Ele ensinava.

O convite

“As Minhas ovelhas ouvem a Minha voz; Eu as conheço, e elas Me seguem” (Jo 10:27). É assim que Jesus descreve Seu relacionamento com aqueles que O aceitam. Note que um relacionamento de confiança antecede o convite para “seguir”. Então, as ovelhas ouvem Sua voz e O seguem. Seguir a Cristo “não é algo mecânico. Ao contrário, é uma experiência vital que resulta de um relacionamento de confiança”.¹⁷ Ao aplicar de maneira consciente e apropriada os

quatro primeiros passos do método de Cristo, teremos construído o fundamento que nos permitirá estender o convite feito por Ele. “Segue-Me!”

Além disso, outra maneira poderosa de testemunhar a pessoas seculares é o ato de compartilhar nossa própria experiência cristã, nossa história com Deus, com o propósito de despertar nelas o desejo de ter experiência igual. “Como testemunhas de Cristo, cumpre-nos dizer o que sabemos, o que nós mesmos temos visto e ouvido e sentido. Se estivemos seguindo a Jesus passo a passo, havemos de ter qualquer coisa bem positiva a contar acerca da maneira por que nos tem conduzido... É esse o testemunho que nosso Senhor pede de nós, e por falta do qual o mundo está a perecer.”¹⁸

“Aliado ao poder de persuasão, ao poder da oração e ao poder do amor de Deus, esta obra jamais ficará sem frutos.”¹⁹ ■

Referências:

- ¹ George Hunter, *How to Reach Secular People* (Nashville, TN: Abingdon, 1992), p. 25.
- ² <http://www.dicionarioaurelio.com/Secular>
- ³ Miroslav Pujic, *O Missionário: 3º Milênio A. D.* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), p. 31.
- ⁴ Thom S. Rainer, *The Unchurched Next Door* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2003), p. 55-57.
- ⁵ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143.
- ⁶ <http://www.telegraph.co.uk/comment/personal-view/3624355/How-to-earth-can-a-woman-lie-dead-for-two-years.html>
- ⁷ Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo*, p. 36.
- ⁸ Rick Richardson, *Evangelism Outside the Box* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000), p. 71.
- ⁹ George G. Hunter, *Op. Cit.*, p. 49, 50.
- ¹⁰ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 57.
- ¹¹ _____, *Medicina e Salvação*, p. 251.
- ¹² George H. Hunter, *Church For the Unchurched* (Nashville, TN: Abingdon, 1996), p. 31.
- ¹³ Robert Lewis e Wayne Cordeiro, *Culture Shift: Transforming Your Church from the Inside Out* (San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2005), p. 155.
- ¹⁴ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 120.
- ¹⁵ Eddie Gibbs, *ChurchNext: Quantum Changes in How we Do Ministry* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000), p. 28.
- ¹⁶ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 142.
- ¹⁷ Philip G. Samaan, *Christ's Way of Reaching People* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1990), p. 96.
- ¹⁸ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 340.
- ¹⁹ _____, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143, 144.

RECURSOS



ÉTICA MINISTERIAL

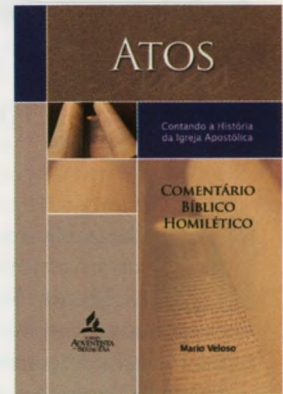
James E. Carter e Joe E. Trull, Edições Vida Nova, Caixa Postal 21266, CEP 04602-970, São Paulo, SP, www.vidanova.com.br, 318 páginas.

As questões éticas que afetam pastores e líderes cristãos nunca adquiriram tamanha relevância como nos dias atuais. Portanto, este livro chega em boa hora. Escrito por um experiente pastor e pelo editor de uma importante publicação de discussão sobre ética cristã, seu objetivo é fornecer a seminaristas, pastores, educadores e cristãos em geral uma ferramenta que os ajude a entender e responder, de modo fiel e digno do cristianismo, às questões morais e éticas dos nossos dias.

ATOS: CONTANDO A HISTÓRIA DA IGREJA APOSTÓLICA

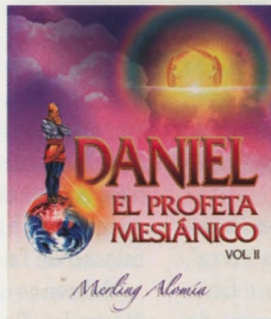
Mário Veloso, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 0800 970606, 304 páginas.

O livro bíblico de Atos dos Apóstolos tem sido chamado o livro dos Atos do Espírito Santo, pois nele se descreve de maneira vibrante a obra poderosa que os discípulos de Jesus realizaram sob a influência do Espírito de Deus. Neste volume, pertencente à série "Comentário Bíblico Homilético", Mário Veloso apresenta com riqueza de detalhes tanto os atos dos apóstolos quanto as reflexões inspiradoras derivadas deles. É um conteúdo capaz de impulsionar a vida e a missão evangelizadora da igreja.



DANIEL EL PROFETA MESIÁNICO

Merling Alomia, Universidad Peruana Unión, Lima, Peru, tel.: 359-2622; imprensaunion@upeu.org.pe, 520 páginas.



Um livro atual que, fiel à mensagem bíblica e à tradição cristã, apresenta as profecias do tempo do fim. Numa época em que acontecimentos religiosos e políticos geram conjecturas e predições quanto ao fim de todas as coisas, este livro mostra que a mensagem profética de Daniel aponta um rumo seguro para o mundo. Suas páginas cobrem cada uma das profecias do livro de Daniel, realçando suas características essencialmente messiânicas e que elas ainda são relevantes para a igreja do século 21.

VEJA NA INTERNET

old.thirdmill.org/portuguese



Essa é a área em português de um *site* que oferece grande quantidade de subsídios teológicos e pastorais. São reflexões e estudos produzidos por teólogos conceituados, muitos deles ligados à Igreja Presbiteriana. O melhor conteúdo está classificado nas áreas de: *Bíblia*, *Teologia* e *Teologia Pastoral*.

Como se pode notar pela página de abertura, o *site* oferece material em diversas línguas. Creio que vale a pena olhar o material em espanhol, e quem puder aproveitar em inglês terá acesso a um conteúdo mais rico e diversificado, com destaque para: *Video Seminary Lessons* (cursos gratuitos em vídeo sobre temas bíblicos ou teológicos), *Audio Sermons* (grande quantidade de excelentes sermões em mp3), *Electronic Books* (livros inteiros digitalizados), *Pauline Studies* (área de conteúdo específico sobre os escritos do apóstolo Paulo). – Márcio Dias Guarda



Ciclo do discipulado

O objetivo da missão só é alcançado quando os novos crentes se tornam cristãos multiplicadores

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28:19, 20).

Fazer discípulos é o centro do compromisso missionário, estabelecendo o tom imperativo e urgente. As palavras traduzidas como “ide”, “batizando-os” e “ensinando-os” mostram ações progressivas, interdependentes e simultâneas com a ação do verbo principal: “fazer discípulos”. Para Mateus, o discipulado é um conceito-chave. Dos evangelistas, é ele quem mais utiliza a expressão “fazer discípulos”, mencionando-a em 73 ocasiões. Os capítulos 10, 16 e 18 parecem indicar claramente que, quando ele fala do discipulado, não apenas tem os doze em vista, mas que estes são um meio utilizado por Cristo para explicar o discipulado.

Ao Se reencontrar com os discípulos depois da ressurreição, e investido de “toda a autoridade no Céu e na Terra”, Jesus lhes apresentou a comissão evangélica de ir e fazer discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas por Ele ordenadas. Essa comissão foi acompanhada pela promessa de que o Senhor mesmo estaria com eles “todos os dias, até à consumação do século”.

No início de Seu ministério terrestre, Jesus Cristo havia encarregado Seus discípulos da missão de pregar ao povo judeu. Não apenas lhes deu instruções (Mt 10:5, 6, 9-14), mas também autoridade para cumprir a tarefa (Mt 10:1, 2, 7, 8). É interessante lembrar que a ordem de fazer discípulos é imperativa. O batismo e o ensino são partes do mesmo processo. O ensino é um processo contínuo e não termina com o preparo doutrinário para o batismo. É anterior e posterior ao batismo, cujo objetivo é capacitar o discípulos a andar dignamente em sua vocação.

A missão não é fazer adeptos, mas “fazer” discípulos de todas as nações. Proclamar, batizar, ensinar e testemunhar são aspectos da mesma comissão de fazer discípulos. A missão não é cumprida, a menos que seja feita integralmente. A tarefa mais importante da igreja é fazer discípulos. No

ensino, pregação e cura, o propósito de Jesus era o mesmo: salvar os ouvintes, a quem ensinava e curava, e transformá-los em instrumentos de salvação para outras pessoas; discípulos que viveriam para fazer outros discípulos.

Ao enviar os doze (Lc 9:1-6) e os setenta (Lc 10:1-12), Jesus partilhou com eles orientações, autoridade e poder. Acompanhou-os e os capacitou para a missão. Organizou, enviou, supervisionou e os animou. Seu ministério frutificou; por isso, Ele instou com os discípulos a dar frutos em abundância e permanentemente.

Jesus percorria as cidades, ensinando, pregando e curando. E quando enviou os doze e os setenta, Ele cumpriu o compromisso básico de fazer discípulos. A multiplicação espiritual é um fato. Fazer discípulos é a visão, a missão e o método. O discipulado é o ministério de Cristo. Assim como estabeleceu a propagação física na base da multiplicação, assentou o crescimento espiritual na mesma base da multiplicação, no cumprimento da missão de fazer discípulos.

Sabemos que é inegociável o mandato bíblico de fazer discípulos. E considerando que necessitamos fazer mais do que estamos fazendo nesse sentido, a liderança da Igreja Adventista na América do Sul está incrementando o “Ciclo do discipulado”, um projeto sistemático para a formação e multiplicação de discípulos. O desafio inclui todos nós, até alcançar a totalidade dos membros de nossas igrejas.

Aqui está a descrição do projeto:

O que é

“Ciclo do discipulado” é um projeto da Igreja Adventista do Sétimo Dia, para formação de discípulos no território da Divisão Sul-Americana. Trata-se de um modelo adventista de discipulado que visa a estruturar de maneira prática os conceitos e princípios estabelecidos pelo Senhor para a igreja. Esse projeto soma a força dos pequenos grupos ao empenho dos missionários da igreja na formação de discípulos. Discipulado é um processo contínuo, por meio do qual uma pessoa é atraída a Cristo e se desenvolve ao nível de cristão amadurecido na igreja, capaz de multiplicar forças na pregação do evangelho e na redução da apostasia.

A execução do projeto está dividida em três fases:

Primeira fase – conversão

Na primeira etapa do “Ciclo do discipulado”, o objetivo é atrair o máximo de interessados e prepará-los para o batismo, ministrando-lhes uma série completa de estudos bíblicos. A estratégia abrange os passos seguintes:

Atividades de presença. Têm como objetivo atrair interessados. Entre elas, destacamos a oração intercessora, companheiros de oração, projeto “Vida por vidas”, encontros de casais, mutirão de Natal, escolas de pais, cursos de saúde, atividades da Adra, entre outras.

Atividades de proclamação. Isso envolve estudos bíblicos ministrados, pelas duplas missionárias, nos lares, classes bíblicas, pequenos grupos, evangelismo público.

Atividades de persuasão. Aqui, incluímos as semanas de colheita, semanas de oração, caravanas da esperança, apelos.

Para que o crente discipulado conclua a primeira fase, deve ter um discipulador (instrutor bíblico), ser membro da Escola Sabatina, completar uma série de estudos bíblicos e ser batizado.

Segunda fase – confirmação

O objetivo desta fase é consolidar a decisão dos recém-batizados. Para isso, devem ser observados os seguintes itens:

Curso de estudos avançados. Por ocasião do batismo, cada novo membro recebe um curso de estudos avançados, para ser estudado juntamente com o respectivo discipulador. À semelhança do estudo da lição da Escola Sabatina, o aluno estuda os temas durante a semana e, em um dia, revisa o conteúdo com o discipulador. O curso contém 13 temas, o que significa um trimestre de estudos. As lições abordam a comunhão, doutrinas, vida cristã, estilo adventista de vida e missão.

Passaporte com certificado de batismo do discípulo. O novo crente também recebe uma caderneta em forma de passaporte, contendo certificado de batismo e itens de acompanhamento do ciclo do discipulado. As etapas serão assessoradas pelo discipulador e assinadas pelo pastor, à medida que sejam concluídas.

O aluno terá concluído essa fase, quando completar os estudos avançados, passar a fazer parte de um pequeno grupo e adquirir a lição da Escola Sabatina.

Terceira fase – capacitação

A terceira fase do ciclo tem como objetivo equipar o recém-batizado, a fim de envolvê-lo na missão, conforme o seguinte roteiro:

Escola missionária (módulo). O recém-batizado será matriculado na escola missionária, a fim de ser capa-

“Repousa sobre todos os que estão empenhados na obra do Senhor a responsabilidade do cumprimento da ordem: ‘Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado’” (Ellen G. White)

citado a cumprir a missão. Ele participará de seminários e terá o acompanhamento prático do discipulador.

Nesse ponto, o ciclo recomeça, devendo o aluno completar o módulo 1 da escola missionária, orar por cinco pessoas e trabalhar para levá-las a Cristo. Também deve se envolver na formação de um novo discípulo e em algum ministério específico, de acordo com os dons que ele possui.

Cerimônia de reconhecimento. Sugere-se que seja realizada na igreja uma cerimônia de reconhecimento desses novos discípulos, relatando para os demais membros os estágios que foram cumpridos, bem como o trabalho que estão realizando.

Atividades complementares

Escola missionária (módulo 2). Nessa escola, realiza-se treinamento avançado para discipuladores, abordando temas sobre liderança e envolvimento nas atividades para edificação da igreja, missão e atendimento às necessidades da comunidade. Todos os membros da igreja podem participar.

Depois da conclusão dos estudos avançados, tem início a jornada espiritual com a realização do Seminário de Enriquecimento Espiritual 1.

Metodologia de implantação do ciclo

O processo deve ser conduzido com muita oração. Em todas as fases deve-se insistir na conscientização da importância do discipulado na vida da igreja.

1. O pastor distrital seleciona o grupo de discipuladores, entre os líderes de pequenos grupos e irmãos com experiência em levar pessoas ao batismo (evangelistas, instrutores bíblicos, duplas missionárias), e repassa a visão, envolvendo-os no processo.

2. A implantação não deve ser feita massivamente, mas de maneira gradativa e bem estruturada, com acompanhamento da liderança da igreja.

3. Todo o material para implantação do ciclo está à disposição da igreja.

A missão não termina quando proclamamos a mensagem do evangelho às pessoas. Também não termina com a pública profissão de fé nem quando os novos conversos são aceitos como membros da igreja através do batismo. O objetivo da missão é alcançado quando esses novos membros se tornam cristãos responsáveis e multiplicadores, concluindo o ciclo e garantindo o processo contínuo do evangelismo e do crescimento. ▀



AMIGOS da ESPERANÇA

www.esperanca.com.br

ABRIL 16 DIA DOS AMIGOS DA ESPERANÇA

- 2 milhões de amigos juntos na Igreja
- 500 mil Lares de Esperança abertos
- 10 milhões de livros – *Ainda Existe Esperança*
- 2 milhões de *folders* apresentando a Igreja Adventista

ABRIL 17-24 SEMANA SANTA

- 60 mil pontos de pregação

**Cada adventista levando um amigo à igreja.
É a sua oportunidade. Participe!**